



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

AUGUSTO LUNA DE MOURA

**O “CHINESE DREAM” NA ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA DA CHINA
SOB O GOVERNO DE XI JINPING: PERCEPÇÕES EM TEXTOS E DISCURSOS**

Florianópolis, 2015

AUGUSTO LUNA DE MOURA

**O “CHINESE DREAM” NA ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA DA CHINA
SOB O GOVERNO DE XI JINPING: PERCEPÇÕES EM TEXTOS E DISCURSOS**

Monografia submetida ao curso de Relações Internacionais da
Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório
para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Cesar Coelho

FLORIANÓPOLIS, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Banca Examinadora resolveu atribuir nota 8,5 ao aluno **Augusto Luna de Moura** na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação do trabalho: **O “Chinese Dream” na Estratégia de Política Externa da China sob o Governo de Xi Jinping: Percepções em Textos e Discursos**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jaime Cesar Coelho

Prof. Dr. Fred Leite Siqueira Campos

Prof. Msc. Helton Rogério da Rosa

AGRADECIMENTOS

Sob o risco de ser em demasiado extenso, prefiro que eu assim o seja do que omitir ou não enaltecer a gratidão por aqueles que de alguma forma contribuem para a conclusão deste trabalho.

Inicialmente, agradeço ao meu pai e a minha mãe, Djalma e Sheila. Embora entenda que a vida adulta exija mais e mais independência conforme envelhecemos, não acho que posso me dar ao luxo de não continuar a tê-los como referência, uma vez que são meus maiores e melhores tutores, fonte de sabedoria e inspiração. Agradeço pelos exemplos de honestidade, persistência, trabalho duro e amor ao longo desses anos. Serei eternamente grato por todo o apoio que nunca deixei de receber.

Agradeço também ao meu irmão Rodolpho e minha vó Wilclea (*in memoriam*). Ao meu irmão, sou grato por fazer que esta nossa relação de irmãos de sangue, seja de fato uma relação fraterna. A minha vó, agradeço todo o carinho que recebi durante minha infância e adolescência.

À Giovana, responsável direta pelo desenvolvimento deste trabalho. Entretanto, agradecer a ela somente por isso seria pouco: obrigado pelos jantares no 绿茶, pelas idas aos 酒吧, pelas voltas no 西湖, pelas conversas no 微信, pelos 聊天, 等等. Ainda mais significativo, agradeço pelo companheirismo incondicional, pela força e por fazer dessa relação algo tão especial. Meu 梦想.

Aos meus amigos de colégio, muitos dos quais ainda conseguimos manter contato e amizade mesmo sem o dia-a-dia que nos unia. Entre eles, em especial Guilherme C., Rafael, Beatriz, Lívia, Betina, Felipe, Adriano, Duda, Guilherme A., Murilo, Lucas e Francesco.

Aos meus amigos de universidade, em especial Fagner, Rafael, Lucas, Ivan, Vítor, Bruno, Pedro, Rovaris e Gabriela. Grupo com o qual tive o prazer de conviver, me divertir e debater sobre os mais variados assuntos durante esses anos.

Aos meus professores da Universidade Federal de Santa Catarina e, nesse contexto, em especial o Prof. Dr. Jaime Coelho, por se mostrar interessado e disposto a ajudar na elaboração desta monografia desde o início, ao mesmo tempo que dando a liberdade necessária para cumprir minhas responsabilidades.

Ao Sr. Luiz Podestá, quem há 5 anos possibilitou que todo esse percurso pudesse ter sido iniciado e, conseqüentemente, trilhado até aqui.

À Ligia, do Clube do Livro Brasil-China, por não medir esforços em aprimorar a troca de conhecimento entre esses dois países muito distintos, mas com tanto em comum e com tantos interesses a serem compartilhados. Em particular, agradeço pelo apoio na condução desta pesquisa.

Aos demais amigos feitos na China, entre chineses e *laowai's*, por me fazerem perceber o quão incrível pode ser a experiência de estar nesse país.

A todos que de alguma maneira somaram a minha vida até o presente momento.

RESUMO

A presente monografia possui como objetivo geral identificar a influência do “Chinese Dream” na estratégia de política externa da China sob o governo de Xi Jinping, baseando-se na interpretação de discursos. O “Chinese Dream” é um termo cunhado por Xi Jinping desde o momento em que assume a secretaria-geral do Partido Comunista da China em 2012 e a presidência de seu país em 2013. A partir da observação participante deste autor, percebe-se o impacto da formulação desse termo sobre a identidade e os interesses do povo e do Estado em questão. Observa-se que o “Chinese Dream” corresponde ao objetivo de atingir o rejuvenescimento nacional, e a partir disso emergem metas que, quando alcançadas, simbolizarão a realização desse sonho, a exemplo dos Dois Objetivos Centenários. Partindo desse entendimento, opta-se por uma abordagem Construtivista para compreender as influências dessas ideias no desenvolvimento da política externa chinesa, ressaltando-se a relevância do discurso na construção social. Revisando-se artigos de Yan Xuetong e Qin Yaqing, vê-se que discordam entre si acerca de um novo posicionamento adotado para as relações internacionais recentes: enquanto o primeiro enxerga uma política externa com mudanças consideráveis, mais assertiva e caracterizada pela estratégia do “Striving for Achievement”, o segundo também enxerga alterações, porém não concorda com Yan quanto ao rompimento da nova estratégia para com a anterior, do “Manter o Low Profile”. Visto isso, utilizar-se-á a metodologia de análise interpretativa em três textos de políticos relevantes para a condução da política externa chinesa para concluir como o “Chinese Dream” é utilizado no discurso, buscando evidências da contribuição para assertividade ou não. Por fim, as conclusões trarão que o uso desse termo se vincula a uma postura propositiva.

Palavras-chave: “Chinese Dream”; política externa; Xi Jinping; Dois Objetivos Centenários; “Striving for Achievement”; discursos; textos; assertividade; propositivo.

ABSTRACT

The general objective in this paper is to identify the influence of the “Chinese Dream” on China’s foreign policy strategy under Xi Jinping’s government, based on interpretation of discourses. The “Chinese Dream” was a concept publicized by Xi Jinping since the moment he was elected as General-Secretary of the Chinese Communist Party in 2012 and as president of his country in 2013. By means of participant observation of this author, it is noticed the impact of the formulation of this concept on people and state identities. It is understood that the “Chinese Dream” means the goal of achieving the national rejuvenation, and from this idea emerges other goals, such as the Two Centenary Goals. From this perspective, the author opts for using a constructivist approach for understanding its influences in the development of Chinese foreign policy, highlighting the relevance of discourse on social construction. Reviewing articles from Yan Xuetong and Qin Yaqing, we see that there is a disagreement between them regarding their thoughts about a new position adopted for the international relations recently: while the former believes that China’s foreign policy has changed considerably, becoming more assertive and featured by the “Striving for Achievement” strategy, the latter also sees changes, but disagrees about the disruption among the new strategy with the previous one, “Keeping Low Profile”. Considering that, we make use of interpretation analysis as methodology for analyzing three texts of relevant politicians for the conduction of the Chinese foreign policy in order to verify how the “Chinese Dream” is used as discourse, searching for evidences of its contribution for an assertive position or not. Finally, the conclusion shows that the use of this term is linked with a purposeful attitude.

Key words: “Chinese Dream”; foreign policy; Xi Jinping; Two Centenary Goals; “Striving for Achievement”; discourse; texts; assertive; purposeful.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – <i>Outdoors</i> do “Chinese Dream” em obra do metrô da cidade de Hangzhou, província de Zhejiang.....	13
Fotografia 2 – Vídeo-propaganda do “Chinese Dream” na estação de trem Hangzhou East...	13
Fotografia 3 – Vídeo-propaganda em ônibus interurbano.....	14
Fotografia 4 – Cartazes do “Chinese Dream” na cidade de Huangshan, província de Anhui..	14
Fotografia 5 – Cartazes do “Chinese Dream” na cidade de Wuxi, província de Jiangsu.....	15

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 TEMA E PROBLEMA.....	10
1.2 HIPÓTESE.....	15
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.3.1 Objetivo Geral.....	16
1.3.2 Objetivos Específicos.....	16
1.4 METODOLOGIA.....	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO CONSTRUTIVISTA.....	18
2.1 CONSTRUTIVISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	18
2.2 O DISCURSO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	20
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE COMUNICAÇÃO CHINESA E TRADUÇÃO.....	22
3 “CHINESE DREAM”.....	24
3.1 “CHINESE DREAM” E O REJUVENESCIMENTO – REFERÊNCIAS, MOTIVAÇÕES E ORIGEM.....	24
3.2 DOIS OBJETIVOS CENTENÁRIOS.....	26
3.3 REPERCUSSÃO DOMÉSTICA.....	28
4 DEBATE ACERCA DA POLÍTICA EXTERNA DA CHINA: DUAS VISÕES.....	31
4.1 <i>FROM KEEPING A LOW PROFILE TO STRIVING FOR ACHIEVEMENT</i> (DO “MANTER O LOW PROFILE” AO “STRIVING FOR ACHIEVEMENT” – TRADUZIDO PELO AUTOR) – YAN XUETONG (2014).....	32
4.2 <i>CONTINUITY THROUGH CHANGE: BACKGROUND KNOWLEDGE AND CHINA’S INTERNATIONAL STRATEGY</i> (CONTINUIDADE ATRAVÉS DA MUDANÇA: BACKGROUND KNOWLEDGE E ESTRATÉGIA INTERNACIONAL DA CHINA – TRADUZIDO PELO AUTOR) – QIN YAQING (2014).....	36
5 ANÁLISE DE TEXTOS.....	42
5.1 <i>EXPLORING THE PATH OF MAJOR-COUNTRY DIPLOMACY WITH CHINESE CHARACTERISTICS</i> (EXPLORANDO O CAMINHO DA DIPLOMACIA DAS GRANDES POTÊNCIAS COM CARACTERÍSTICAS CHINESAS – TRADUZIDO PELO AUTOR) – WANG YI (2013).....	42
5.1.1 Produção do Original.....	42
5.1.2 Análise de Texto.....	43

5.2 <i>INNOVATIONS IN CHINA'S DIPLOMATIC THEORY AND PRACTICE UNDER NEW CONDITIONS</i> (INOVAÇÕES NA TEORIA E PRÁTICA DIPLOMÁTICA DA CHINA SOB NOVAS CONDIÇÕES – TRADUZIDO PELO AUTOR) – YANG JIECHI (2013).....	44
5.2.1 Produção do Original.....	44
5.2.2 Análise de Texto.....	45
5.3 <i>DIPLOMACY WITH NEIGHBORING COUNTRIES CHARACTERIZED BY FRIENDSHIP, SINCERITY RECIPROCITY AND INCLUSIVENESS</i> (DIPLOMACIA COM PAÍSES VIZINHOS CARACTERIZADA PELA AMIZADE, SINCERIDADE, RECIPROCIDADE E INCLUSÃO – TRADUZIDO PELO AUTOR) – XI JINPING (2013).....	47
5.3.1 Produção do Original.....	47
5.3.2 Análise de Texto.....	47
5.4 INTERPRETAÇÕES GERAIS.....	49
6 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA

Desde o início da República Popular da China em 1949, as cinco gerações de líderes do Partido Comunista da China têm cunhado termos que abrangem determinados conceitos que por vezes simbolizam e transmitem as linhas ideológicas dentro das quais suas administrações serão guiadas. Como aponta Denton (2014), enquanto Mao Zedong (líder de 1949 a 1976) tinha no conceito de “luta de classes” seu núcleo ideológico, Deng Xiaoping (líder de 1978 a 1992), Jiang Zemin (líder de 1992 a 2002) e Hu Jintao (líder de 2002 a 2012) tinham os respectivos termos como os seus: “Quatro Modernizações”, “Três Representações” e “Sociedade Harmônica”. Xi Jinping, atual liderança do Partido Comunista da China e presidente do mesmo país, desenvolve o *Zhongguo Meng* (daqui em diante neste trabalho, “Chinese Dream”). Sørensen (2015, p. 55, traduzido pelo autor) enfatiza que

Embora seja fácil considerar slogans tais como o ‘Chinese Dream’, provenientes das lideranças chinesas, puramente como propagandas e sem conteúdo, eles desempenham um importante papel em organizar pensamentos e ações da política chinesa, já que muitas vezes refletem novas ou modificadas prioridades dos líderes.

Em 1962, Mao Zedong promove o slogan “Nunca esqueça a luta de classes!” como consequência do abandono da política implementada durante o Grande Passo Adiante de 1958 a 1960, por parte de líderes secundários do Partido Comunista da China. Como resultante, Mao inicia uma ofensiva contra os chamados “Capitalist Roaders” do Partido (SCHRAM, 1989), compreendidos como aqueles que tendiam a ceder às pressões das forças burguesas. Já em 1978, conforme assinala Shu (2005), a defesa de Deng Xiaoping em prol de um plano de desenvolvimento do país na esfera econômica, política, social e cultural ficou conhecida como “Quatro Modernizações”, objetivando a modernização das estruturas produtivas. Shu (2005, p. 70) também explica as “Três Representações” de Jiang Zemin como “uma combinação de doutrinas políticas que visa à promoção da ‘produtividade avançada’, da ‘cultura avançada’ e dos interesses fundamentais da sociedade chinesa”. Para Shu (2005), a peculiaridade deste slogan residia na inclusão dos interesses da classe empresarial da China, grupo que influenciava cada vez mais as decisões políticas. Finalmente, a “Sociedade Harmônica” de Hu Jintao, segundo Wentzel (2007), seria o princípio que representasse na prática a busca por melhor distribuição de renda e uso racional dos recursos naturais.

A partir de 2012, Xi Jinping passa a explorar o termo “Chinese Dream”. Xi assume a Secretaria-Geral do Comitê Central do Partido Comunista da China em 15 de novembro de 2012 durante o 18º Congresso Nacional do Partido e a presidência de seu país em março de 2013 no 12º Congresso Nacional Popular. Em seu discurso no 18º Congresso, não faz qualquer menção aos termos dos presidentes anteriores, apenas ao “socialismo com características chinesas”, conceito que sobrevive desde o governo de Deng Xiaoping. Durante visita ao Museu Nacional da China em 29 de novembro de 2012, Xi faz sua primeira referência à ideia de “Chinese Dream” enquanto líder do Partido (XINHUA NEWS, 2012). Desde então, o termo passa a fazer parte constantemente de seus pronunciamentos públicos.

Em 8 de junho de 2013, já em visita oficial como presidente da China aos Estados Unidos, Xi manifesta-se brevemente acerca do “Chinese Dream” e seus objetivos. Conforme anunciou em coletiva à imprensa na Casa Branca, “A China se empenhará na realização do sonho chinês do grande rejuvenescimento nacional” (XI, 2013, traduzido pelo autor). Complementando a ideia, Xi Jinping (2013, traduzido pelo autor) explica: “Através do Chinese Dream, nós buscamos prosperidade econômica, rejuvenescimento nacional e bem estar do povo”. Durante a mesma fala, o líder chinês reitera o seu comprometimento em trilhar o caminho do “desenvolvimento pacífico”.

O cenário internacional e doméstico sob o qual Xi Jinping assumiu o mais alto posto político em seu país difere daquele em que seu predecessor governou. Conforme destaca Tsai (s.d., p. 2, traduzido pelo autor), “Xi está enfrentando uma deterioração e um aumento dos problemas econômicos e sociais que o governo chinês falhou em resolver durante o mandato de Hu Jintao”. Alguns autores ressaltam a preocupação do Partido Comunista da China em obter apoio popular como forma de legitimar seu poder e, nesse sentido, o “Chinese Dream” vem a contribuir com os esforços de manutenção da unidade nacional e fortalecimento da identidade domesticamente (e.g. LEE, 2014; NYE, 2015).

A concepção do “Chinese Dream” origina-se da premissa de que a China é historicamente um país poderoso, mas que a partir da Guerra do Ópio na metade do século XIX até a criação da República Popular da China na metade do século XX, sua nação teria passado pelo “Século da Humilhação”. Com isso em vista, fala-se em rejuvenescimento, “embora esteja longe de estar claro o real significado [de ‘rejuvenescer’]” (TSAI, s.d., p. 3, traduzido pelo autor). O que se tem de concreto na agenda política a partir desse conceito são os “Dois Objetivos Centenários” anunciados durante o 18º Congresso Nacional do Partido Comunista da China: alcançar uma sociedade moderadamente próspera até 2021; e ser um

moderno país socialista, próspero, forte, democrático, culturalmente avançado e harmonioso até 2049. As datas para a consecução desses objetivos coincidem com os 100 anos da fundação do Partido Comunista (1921) e da fundação da República Popular (1949). Xi Jinping estará incumbido de cumprir a primeira meta, já que seu governo se estenderá até 2022. Xi citado por Xinhua News (2012) conclui que quando a China alcançar o segundo objetivo, o sonho do grande rejuvenescimento será cumprido. Portanto, o “Chinese Dream” é o sonho do rejuvenescimento.

Embora esse termo esteja sendo amplamente debatido e divulgado na China, pouco material e poucas análises acerca do tema e seus impactos são encontrados em inglês e, menos ainda, em português. Além disso, o “Chinese Dream” surge como uma aspiração incutida pelo Partido Comunista da China para o Estado chinês e sua sociedade, daí decorrendo uma possível linha ideológica que pautar uma nova abordagem ao sistema internacional comparativamente a que se seguiu até o governo Hu Jintao. Inclusive, conforme observa Thomas (2015), Xi está sendo mais rápido do que seu antecessor ao incluir a política externa como um essencial aspecto da sua agenda doméstica.

Buzan (2010) discorre sobre a abordagem histórica da China ao sistema internacional. Analisando sua política externa a partir do estabelecimento da República Popular da China em 1949, Buzan (2010) estabelece claras distinções entre Mao Zedong e o líder seguinte, Deng Xiaoping: enquanto que com o primeiro o posicionamento seria profundamente antagonista ao do *status quo* estabelecido pelo Ocidente, com o segundo (a partir de 1978) a concepção de “ascensão pacífica” da China estaria sendo almejada dentro do *status quo*. As motivações para essas mudanças seriam explicadas por câmbios nas prioridades estabelecidas pelo governo, avançando da ênfase militar-política-territorial dos anos de Mao para uma perspectiva mais cooperativa de segurança compreensiva derivada da priorização do desenvolvimento econômico nacional. Como consequência, a estabilidade regional e global passa a ser necessária para os seus objetivos.

Constatada a mudança na abordagem ao sistema internacional por parte da China ao longo dos anos, percebe-se os impactos das dinâmicas domésticas nessa resultante. Ainda de acordo com Buzan (2010), esse engajamento foi fortemente dirigido por reações contra a Revolução Cultural do meio da década de 1960, a qual teria empobrecido o país e trazido sérias ameaças à segurança nacional. Portanto, esse entendimento nos faz atentar para a influência da dinâmica interna no processo de formação de identidade e interesses externos.

Indo ao encontro do que foi supracitado, também se percebe que o termo “Chinese Dream” e as aspirações que dele se originam têm um impacto considerável na sociedade civil chinesa. Seu impacto pode ser percebido, dentre outras maneiras, por meio da grande campanha publicitária para sua divulgação em muitas cidades do país, conforme pode ser observado a partir das seguintes fotografias:

Fotografia 1 – *Outdoors* do “Chinese Dream” em obra do metrô da cidade de Hangzhou, província de Zhejiang.



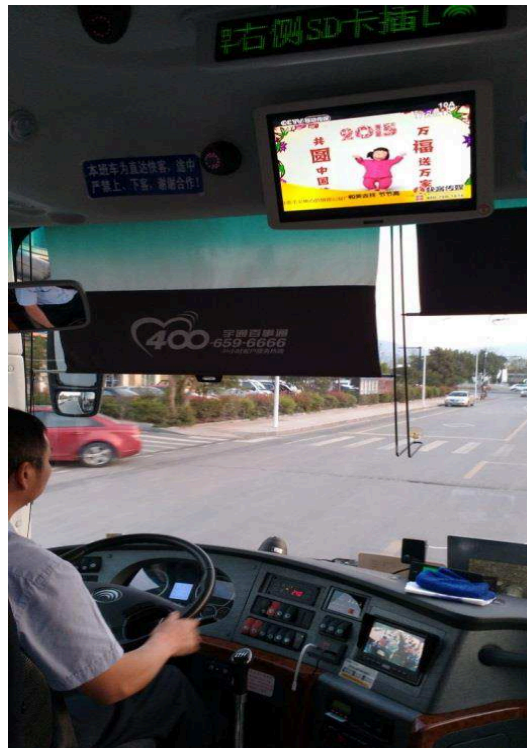
Fonte: o autor (2015).

Fotografia 2 – Vídeo-propaganda do “Chinese Dream” na estação de trem Hangzhou East.



Fonte: o autor (2015).

Fotografia 3 – Vídeo-propaganda em ônibus interurbano.



Fonte: o autor (2015).

Fotografia 4 – Cartazes do “Chinese Dream” na cidade de Huangshan, província de Anhui.



Fonte: o autor (2015).

Fotografia 5 – Cartazes do “Chinese Dream” na cidade de Wuxi, província de Jiangsu.



Fonte: o autor (2015).

No âmbito dessa monografia, o objeto de estudo será a política externa da China sob o governo de Xi Jinping, analisado por meio de textos selecionados de políticos relevantes do Partido Comunista da China. Neles, buscam-se evidências que respondam a seguinte pergunta: qual o impacto do “Chinese Dream” nessa política?

1.2 HIPÓTESE

Assumindo-se a relevância do “Chinese Dream” na sociedade chinesa a partir da observação participante deste autor e considerando-se o seu possível impacto nos interesses da nação, é entendido que esse tema pode ter reflexos na política externa chinesa sob a nova liderança. Autores das Relações Internacionais (e.g.: YAN, 2014; QIN, 2014) debatem acerca de uma nova política que surgiria nesse novo contexto e que seria mais assertiva. Nesse caso, a hipótese é a de que o “Chinese Dream” contribui ou não para uma assertividade nos discursos.

Além da definição de firmeza e clareza na palavra “assertividade”, compreender-se-á também como a imposição de políticas e conceitos quando os políticos se propõem a comunicar sua política para o sistema internacional. O seu oposto seria a sua vulnerabilidade à submissão de forças externas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar de que maneira o “Chinese Dream” impacta o discurso da política externa da China durante o governo de Xi Jinping.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Evidenciar a importância do discurso na construção social e na política externa.
- b) Definir o que é o “Chinese Dream”.
- c) Expor visões sobre a atual política externa chinesa.
- d) Interpretar a utilização do “Chinese Dream” nos textos de política externa produzidos por relevantes políticos do Partido Comunista da China.

1.4 METODOLOGIA

De forma geral, este trabalho se utilizará de métodos qualitativos de pesquisa. A metodologia usada para se chegar às conclusões pretendidas será a análise interpretativa de textos sugeridos por um dos autores utilizados nesta monografia: Yan Xuetong (2014). É nesse sentido que a escolha do Construtivismo como referencial teórico é especialmente relevante. Sob o prisma construtivista, não apenas é possível observar a influência das ideias e da cultura na formação da identidade nacional e nos interesses do Estado nas relações internacionais, mas também possibilita que a análise seja feita por meio do uso da linguagem. Por isso, no capítulo 2, falaremos do Construtivismo nas Relações Internacionais, do uso da linguagem na construção social (o que inclui a política externa) e das particularidades da comunicação chinesa.

No entanto, para que a interpretação textual ocorra, faz-se necessário estabelecer um plano de fundo prévio que discorra acerca dos debates e dos conceitos que perpassam o objeto de estudo e o “Chinese Dream”. Em razão disso, o capítulo 3 trará as definições do “Chinese Dream” por meio de pesquisa bibliográfica, buscando suas motivações históricas, resgatando suas referências, explicitando a campanha publicitária no território chinês e averiguando como esse sonho será realizado. Na sequência, capítulo 4, expõe-se os pontos de vista de Yan

(2014) e Qin (2014) quanto a uma nova estratégia de política externa, o que será feito por meio de revisão bibliográfica. Suas visões são relevantes pois se trata de dois expoentes da academia chinesa de Relações Internacionais. No quinto, já com as bases estabelecidas, é exposta a interpretação dos textos e extrai-se as interpretações gerais. Os três textos escolhidos foram originalmente produzidos no idioma chinês, mas dos quais versões traduzidas para o inglês serão usadas. Todos datam de 2013 e foram elaborados por três relevantes tomadores de decisão da política externa: Wang Yi (Ministro das Relações Exteriores a partir de 2013), Yang Jiechi (Ministro das Relações Exteriores entre 2007 e 2013, atual Conselheiro de Estado) e o próprio Xi Jinping. Por fim, trar-se-ão as conclusões no último capítulo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO CONSTRUTIVISTA

2.1 CONSTRUTIVISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Esta monografia possui o Construtivismo como principal referencial teórico em função do nosso interesse da influência de ideias específicas na composição de determinada estratégia de política externa. Além de ter aplicação teórica no campo das Relações Internacionais, o Construtivismo é uma teoria social, tendo como premissa o entendimento de que os atores sociais são formados pelo meio social em que se encontram, bem como também contribuem na formação desse mesmo meio, afastando-se da ideia individualidade e pautando-se na intersubjetividade como fonte de práticas. Nesse sentido, busca compreender como essa formação acontece e com que resultados (FINNEMORE; SIKKINK 2001). Para isso, foca-se no papel das ideias, normas, cultura, linguagem, etc, enquanto fatores de construção social. Portanto, o objetivo do Construtivismo nas Relações Internacionais é averiguar o processo de formação do ator social e da estrutura (um influenciando o outro na relação agente-estrutura), analisando de que maneira as identidades e os interesses são criados e criam o mundo.

A identidade de um Estado nas Relações Internacionais define preferências e ações, segundo construtivistas. Há também a concordância de que suas identidades são definidas e/ou construídas tanto pelo ambiente internacional quanto pelo ambiente doméstico. No entanto, discordam quanto ao peso que cada cenário empenha sobre a sua formação. Conforme apontam Finnemore e Sikkink (2001), se por um lado Wendt enfatiza maior influência do meio internacional, autores como Katzenstein, Berger e Risse-Kappen, o doméstico. Apesar dessas diferentes percepções que se originam a partir Construtivismo, o entendimento é de que os interesses emergem no âmbito dos processos sociais. Essa ideia contrapõe-se com aquela das teorias racionalistas das Relações Internacionais de que uma estrutura pré-concebida é responsável por determinar o escopo de interesses possíveis dos atores nela (na estrutura) encrustados. Isso caracteriza a essência endógena do processo de construção social, ao invés de serem determinados por fatores exógenos. Nas Relações Internacionais, enquanto os racionalistas considerariam a formação dos interesses como algo a ser estrangido pela condição anárquica do sistema, o construtivista Wendt (1992) argumentaria justamente o contrário em seu artigo “Anarchy is What States Make of it” (Anarquia é o que os Estados Fazem dela).

Embora se trate muito do processo de formação de identidade, a sua definição nem sempre é clara. Para Finnemore e Sikkink (2001, p. 399, traduzido pelo autor),

Enquanto [o conceito de] identidade permanecer sem especificação, continuará produzindo explicações muito particulares para ação do Estado e oferecerá pouca esperança de generalizações contingentes sobre identidade e política mundial.

Wendt (1992) ressalta que a percepção do Estado quanto a sua identidade nos ajuda a compreender como ele atuará. Para isso, faz a distinção entre *Type Identity* e *Role Identity*. O primeiro diz respeito a categorias sociais de Estados que compartilham algumas características, exemplificado por: Estados democráticos, Estados capitalistas, Estado europeu. Já a segunda definição explora a ideia de ser um produto de uma relação entre duas partes. Nesse caso, *Role Identity* seria uma identidade existente porque se dá em relação a outros. Essa definição é exemplificada pela percepção de amizade, inimizade, rivalidade. No entanto, o que extrairemos dessa perspectiva de Wendt (1992) é a importância de entender como a percepção de identidade afeta no posicionamento da política externa chinesa. Adotar-se-á o entendimento de Beasley et al. (2013) sobre identidade ser uma visão dos cidadãos de um Estado sobre eles mesmos, suas histórias e tradições, mais voltada para a orientação política.

Berman e Sikkink citados por Finnemore e Sikkink (2001) abordam o poder das ideias na transformação política. A literatura construtivista pergunta três questões sobre essa influência: a) Como novas ideias emergem e ascendem à proeminência?; b) Como ideias se institucionalizam e ganham vida por si mesmas?; e c) Como, por que e quando ideias importam em alguma circunstância particular? Ao responder a primeira pergunta, a literatura realça os processos de aprendizado em situações caracterizadas por complexidade, falhas, anomalias e novas informações. A visão de aprendizagem compreende os homens como seres engajados raciocinando e processando novas informações do ambiente numa tentativa de dar sentido ao seu mundo. Os interesses dos atores sociais seriam construídos por ideias compartilhadas, ao invés de dados pela natureza.

Autores construtivistas que tratam das ideias apontam que novas ideias geralmente surgem em resposta a choques dramáticos de política, falhas e crises, nas quais políticas passadas não foram bem-sucedidas em resolver os problemas (ODELL 1982 e KOWERT; LEGRO 1996 apud FINNEMORE; SIKKINK 2001). Dois dos maiores impactos seriam produzidos por grandes depressões e guerras, mas que esses episódios isolados não são o suficiente para explicar como novos modelos de pensamento surgem, apenas como velhos

modelos perdem influência. Hall citado por Finnemore e Sikkink (2001) ressalta a noção de persuasão para justificar o surgimento desses novos conceitos: o que faz uma ideia ser persuasiva é a maneira como ela se relaciona com os problemas políticos e econômicos atuais. Sob essa visão, portanto, sucesso e falha são interpretados em termos do que é percebido como os mais urgentes problemas encarados por um país em um período particular (FINNEMORE; SIKKINK, 2001). Considerando-se a história chinesa de mais de 5.000 anos e a lembrança relativamente recente de guerras e submissão a forças externas em um período um pouco maior que 170 anos, julga-se essa visão sobre as ideias pertinente para o desenvolvimento da pesquisa deste trabalho.

Nesta monografia, também é entendido que a abordagem Construtivista é pertinente por se tratar de dinâmicas internas da China e por possibilitar a análise da influência do “Chinese Dream” na construção da política externa de Xi Jinping a partir de discursos/textos. Buscar-se-á por evidências que confirmem ou não o uso desse conceito para maior assertividade nas relações externas.

2.2 O DISCURSO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Apesar de se ressaltar a importância da linguagem na construção social, opta-se por não fazer Análises Discursos ou considerar os atos de fala enquanto práticas assertivas, diretivas e comitivas a exemplo de como expõe Nicholas Onuf, ou seguindo alguma Análise Crítica de Discurso como proposta por Norman Fairclough. Ao contrário, opta-se por uma análise interpretativa livre. Essa escolha metodológica se deve a fatores como o não domínio do idioma chinês por parte deste autor e pela decisão de trabalhar com os discursos que foram traduzidos para o inglês. Embora os textos na língua inglesa tenham sido publicados em veículos de comunicação de grande respaldo do Partido Comunista da China, entende-se que uma análise como a de Onuf e Fairclough pode não ser a adequada, uma vez que o texto traduzido pode alterar a semântica de frases, reduzir a personalidade dos líderes políticos nessa temática e conferir um novo contexto a sua produção. Além disso, dar-se-á preferência à análise da influência do “Chinese Dream” no conteúdo desses discursos voltados para a política externa.

O discurso é uma das formas pela a qual o Construtivismo analisa a constituição mútua no processo de formação da relação agente-estrutura e a condutas que daí derivam. A abordagem pelo discurso e pelos textos é compreendida, por vezes, como complementar, e

não suplementar, na teoria. Aqui, também se entende o uso dos textos no capítulo 5 como complementares ao estudo geral da política externa da China.

Embora análises de discurso enquanto metodologia não sejam aqui aplicadas, destaca-se a visão de Fairclough acerca do uso da linguagem como prática social (discurso), assim respaldando a pesquisa do “Chinese Dream” na comunicação governamental. Fairclough (2001) define a linguagem como uma parte da sociedade, sendo um processo social e um processo condicionado pelo social (por outras partes da sociedade, inclusive processos não linguísticos). Fenômenos linguísticos são fenômenos sociais de alguma espécie, e fenômenos sociais são, em parte, fenômenos linguísticos. Aqui podemos exemplificar a afirmação anterior por meio do “Chinese Dream”: quando alguém fala, ouve, lê ou escreve sobre o “Chinese Dream” (fenômeno linguístico), ele assim o faz influenciado por determinantes sociais e provoca efeitos sociais, como organização política em torno dele, influência a atores sociais (fenômenos linguísticos provocando fenômenos sociais), entre outras possibilidades. Por outro lado, às práticas sociais e aos objetivos a serem alcançados (fenômenos sociais) sobre essa temática, tem-se convencionado chamar “Chinese Dream” na língua inglesa (fenômeno social gerando o fenômeno linguístico), embora haja quem sequer concorde que o termo seja traduzido do chinês (PATTBERG, s.d.). Fairclough (2001) observa que disputas de significado em torno de uma palavra ou termo são muitas vezes vistas como questões preliminares ou conseqüentes dos reais processos e práticas políticas. Porém, conclui discordando ao afirmar que a política também parcialmente consiste de disputas e lutas que ocorrem na linguagem.

Para se dar seqüência aos próximos capítulos, necessita-se distinguir discurso de texto na visão de Fairclough (2001). O discurso é a prática social que ocorre por meio do uso da linguagem. Compondo a noção desse conceito, há a ideia de que existe um processo de interação social ao se utilizar da linguagem que é precedido por um processo de produção e procedido por outro de interpretação. Por outro lado, o texto é apenas parte dessa interação social, sendo um produto do processo de produção do discurso e uma fonte para o processo de interpretação do mesmo.

O discurso se completa quando considerada a sua relação em três níveis interligados entre si: texto, interação e contexto. O primeiro, como já exposto, seria um produto. O segundo nível, que se trata do processo de produção e interpretação, acontece determinado por um contexto, que é o terceiro dos níveis. Enfatiza-se, então, a pesquisa sobre o “Chinese Dream” no capítulo 3 e a descrição dos artigos de Yan (2014) e Qin (2014) no capítulo 4

como relevantes para a futura interpretação textual, e a análise dos textos do capítulo 5 como relevantes no entendimento da construção social a partir da política externa.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE COMUNICAÇÃO CHINESA E TRADUÇÃO

Como já manifestado, o quinto capítulo tomará como base de interpretação, textos traduzidos do chinês para o inglês. Zhao (2012) chama a atenção para a necessidade de se ter bons tradutores para que seja possível a China se comunicar propriamente com o mundo. Como afirma, a fim de que a coexistência e a comunicação entre povos de diferentes línguas existam, a tradução é um trabalho primário e primordial, e mais ainda no contexto do desenvolvimento chinês. Se em algum momento da história, o país se fechou, pouco requisitando e propagando internamente informações do ambiente externo e tampouco do interno para fora, “a China é agora um importante *player* no cenário internacional, e devido ao seu crescente contato com o mundo [...] a importância da tradução se tornou mais e mais evidenciado” (ZHAO, 2012, traduzido pelo autor, p. 119).

Com o tempo e a interação se intensificando, a China precisou explicar de forma mais precisa, em particular suas políticas econômicas, para entender e se fazer entendida por investidores (ZHAO, 2012) e pelo mundo. Apesar de ser uma das línguas mais faladas, “o chinês é de fato usado por um pequeno número de países e regiões, e o número de estrangeiros que compreendem o idioma também é baixo” (ZHAO, 2012, traduzido pelo autor, p. 120). Portanto, Zhao (2012) acredita ser necessário popularizar a educação de línguas estrangeiras na própria China e treinar um grande número de tradutores, em especial de alto nível, para apresentar o seu país no cenário externo.

No entanto, o trabalho da tradução da língua chinesa não é fácil, ressalta Zhao (2012). Primeiramente, qualquer tradução precisa ter precisão com o texto original, além de não poder ignorar a capacidade de leitura e o valor artístico/pessoal do conteúdo. Ainda mais complicado isso se torna nos dias de hoje em função de uma dinâmica muito mais rápida de interação, podendo ser exemplificado por interpretações simultâneas em importantes ocasiões, além da internet como veículo de comunicação. Apesar de algumas palavras serem mais fáceis de encontrarem traduções diretas, como os substantivos materiais (cadeira, mesa, molécula, etc.), outras palavras são difíceis de se relacionarem ou serem interpretadas por outras línguas, das quais Zhao (2012) se refere às que tenham relação com sentimentos ou às que possuem muitos significados. Nesse sentido, o idioma chinês é ainda mais peculiar em

função de suas diferenças com o mundo ocidental, até mesmo quanto a aspectos culturais. Por isso, os tradutores precisam dominar não apenas a língua, mas também ter um amplo conhecimento desses aspectos. Particularmente, a política da China trabalha fortemente com slogans, termos e palavras-chave que refletem posicionamentos importantes. Comunicá-los de maneira eficiente e correta nessas traduções é de vital necessidade para não se criar distorções na interpretação.

O conteúdo acima elencado, além de caracterizar parcialmente a comunicação chinesa, busca também justificar a não opção pela Análise de Discurso: entende-se que o texto traduzido ganha nova personalidade – a do tradutor.

3 “CHINESE DREAM”

Para se definir o “Chinese Dream”, utilizar-se-á, em grande parte, manifestações de Xi Jinping e de outros políticos e veículos de comunicação representativos dos ideais do Partido Comunista da China. No entanto, também se fará uso de outros autores que adicionem informações relevantes quanto a fatos marcantes e à elaboração do slogan.

De acordo com que a pesquisa sugere, o “Chinese Dream” se trata de um conceito com uma série de implicações que surgem a partir dele. As referências encontradas sobre a tradução desse termo do chinês para o português tendem a tratá-lo meramente como “sonho chinês”, sem letras maiúsculas em suas iniciais, a exemplo do livro “Xi Jinping: A Governança da China”. Enquanto isso, sua versão em inglês, assim como muitos outros discursos das lideranças chinesas traduzidas oficialmente para esta língua, o trazem da mesma forma como é abordada nesta monografia. Embora esteja se referindo a sonhos, no sentido de ser uma visão filosófica de conquista de um estado ideal pela persistência e trabalho (DAN et al., 2013), também se trata de uma meta política anunciada e organizada, da qual incorrem outras metas, prévias à final, a serem perseguidas através de um caminho. Além disso, existe toda uma propaganda coordenada pelo Partido Comunista da China, conforme exemplificado pelas fotos divulgadas na Introdução. Portanto, ao se considerar a falta de abundância de traduções oficiais para o idioma de publicação deste trabalho, combinada com a consideração deste autor de que “sonho chinês” não se mostra suficiente para destacar que por trás dessas duas palavras deriva-se uma sequência de pensamentos organizados, opta-se pelo uso do termo “Chinese Dream”. A manutenção da língua inglesa é escolhida pelo fato da maior parte da pesquisa encontrar conteúdo nesse idioma.

3.1 “CHINESE DREAM” E O REJUVENESCIMENTO – REFERÊNCIAS, MOTIVAÇÕES E ORIGEM

Embora o debate seja atual, o sonho pela “renovação”, “renascimento” ou até “rejuvenescimento” da China é proclamado desde muito antes de Xi Jinping chegar ao poder. Sun Yat-sen, que viria a ser o líder do Partido Nacionalista e a depor a Dinastia Qing em 1911 (momento no qual nasce a República da China), em 1894 já falava na “renovação da China” (REN XIAOSI, 2014). Mais adiante em 1934, o jornal *Eastern Miscellany* de Shanghai iniciou uma discussão sobre os sonhos de uma China futura. Em 400 cartas enviadas pelo

editor-chefe do jornal aos vários poetas, escritores, artistas, pensadores, entre outros, as perguntas feitas eram: “Como a China futura se parece em seu sonho?” e “Que sonho pessoal você tem?”. O debate, que gerou 142 respostas, teria refletido em certa medida as tendências de pensamento quanto à conceptualização de um “sonho” entre os intelectuais da época (REN XIAOSI, 2014).

A menção aos termos também ocorreu por parte dos líderes da República Popular da China. Deng Xiaoping, por exemplo, no ano de 1990 profere discurso intitulado em inglês como *“We are working to revitalize the Chinese nation”* (Estamos trabalhando para revitalizar a nação chinesa), no qual faz referências à década de 1900, quando forças aliadas de 8 países invadiram seu território. Complementarmente, Jiang Zemin (2002) já se referia ao “grande rejuvenescimento da nação chinesa” como uma das principais tarefas históricas do Partido Comunista da China na condução do seu país. Hu Jintao também se referia com frequência ao rejuvenescimento da nação (XINHUA NEWS, 2004).

Por fim, Xi Jinping também passa a fazer uso constante da menção ao rejuvenescimento da China, principalmente sob o contexto do “Chinese Dream”. Além das ocasiões referidas na Introdução, em diversas outras falas não apenas o aborda, mas também o aprofunda, como é possível observar no livro “Xi Jinping: The Governance of China” (CHINA, 2014a). Neste livro que traz 79 textos de manifestações de Xi, há uma seção específica intitulada “The Chinese Dream”, no qual 7 textos possuem essa temática como principal assunto.

Nas duas primeiras oportunidades em que cita o “Chinese Dream”, Xi também faz referência a uma história moderna chinesa de mais de 170 anos. O início dessa história remonta ao período pelo qual a China passou pela Guerra do Ópio¹, acontecimento histórico que teria dado origem ao “Século da Humilhação” (Sørensen, 2015), que se estenderia até a fundação da República Popular da China em 1949. Conforme declara:

Nossos esforços ao longo dos mais de 170 anos desde a Guerra do Ópio criaram perspectivas brilhantes para o alcance do rejuvenescimento da nação chinesa. Estamos agora mais perto dessa meta, e estamos mais confiantes e capazes de alcançá-la do que em qualquer outro momento na história (Xi apud CHINA, 2014a, p. 37, traduzido pelo autor).

¹ Segundo China (2014a, p. 39), a Guerra do Ópio foi uma agressão da Grã-Bretanha à China, tendo ocorrido de 1840 a 1842. Em 1840, os britânicos teriam enviado tropas para invadir o território chinês em resposta à proibição da importação de ópio por estes. A justificativa da invasão seria a proteção ao comércio. Em 1842, as tropas britânicas avançaram sobre a área do Rio Yangtze e forçaram o governo da Dinastia Qing a assinar o Tratado de Nanquim, compreendido como o primeiro tratado desigual da história moderna da China.

Em perspectiva da humilhação compreendida no início desse período, o líder chinês ainda destaca aos membros do Partido que o atraso nacional naquele momento os deixou vulneráveis ao ataque, e que apenas o desenvolvimento lhes permite ser fortes. Além disso, expõe: “Em minha opinião, alcançar o rejuvenescimento da nação chinesa tem sido o maior sonho do povo chinês desde o advento dos tempos modernos” (Xi apud CHINA, 2014a, p. 38, traduzido pelo autor), e esse seria o “Chinese Dream”. Com isso, conclui-se que realizar o rejuvenescimento é o “Chinese Dream” e que este sonho está vinculado à história moderna do país.

Apesar de Xi Jinping ser a principal liderança política a encabeçar a sua propagação, é provável que não tenha sido ele o formulador desse conceito. Apesar da dificuldade de afirmar quem teria sido o seu inventor, há muitas referências que indicam Wang Huning como tal (e.g.: WAN, 2013; XI'S 'FOUR COMPREHENSIVES' LIKELY TO BE HIS PARTY LEGACY, 2015). Wang é um teórico que inicia sua carreira como professor de Ciência Política na Fudan University e aos poucos passou a ganhar espaço como liderança política dentro do Partido Comunista da China. A ele também é atribuída a formulação dos slogans de Jiang Zemin e Hu Jintao. Não obstante, a compreensão é a de que não é Wang Huning o responsável por incutir esses conceitos nas ideologias dos presidentes, mas sim de que ele esteja sendo capaz de entender os anseios dos comandantes do Partido, conforme sugere Wan (2013).

3.2 DOIS OBJETIVOS CENTENÁRIOS

A Introdução trouxe a definição dos Dois Objetivos Centenários. Conforme Xi citado por China (2014a, p. 358) declara aos demais presidentes dos países representantes dos BRICS em encontro, a China trabalhará na direção desses dois objetivos. Para alcançá-los, continuará a fazer do desenvolvimento a sua prioridade principal e do crescimento econômico sua tarefa central. Em outra oportunidade, para um público do Partido, Xi citado por China (2014a, p. 171, traduzido pelo autor) recorda que

Desde a convocação da Terceira Sessão Plenária do Comitê Central do Partido Comunista da China em 1978, o Partido fez do desenvolvimento econômico sua tarefa central, devotando-se a acelerar a economia e melhorar a vida das pessoas. Esta tarefa central não irá e não deve mudar enquanto a situação doméstica ou internacional não mudar dramaticamente. É um requisito básico para o Partido aderir a esta linha básica por 100 anos e resolver todos os problemas do país dentro deste tempo.

Os Dois Objetivos Centenários trazidos pelo 18º Congresso Nacional em 2012 são completar a construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspectos até o centenário do Partido Comunista da China (2021) e fazer da China um moderno país socialista que seja próspero, forte, democrático, culturalmente avançado e harmonioso até o centenário da República Popular da China (2049). Para o Primeiro Objetivo Centenário, a principal meta busca dobrar o PIB e a renda *per capita* da população urbana e rural comparativamente ao de 2010 até 2021. A divulgação do 13º Plano Quinquenal em novembro de 2015 mostra que para a meta ser atingida, o crescimento econômico anual deverá ter como limite mínimo 6,5% para o período de 2016 a 2020 (XINHUA NEWS, 2015). Adicionalmente, o Partido Comunista da China também esperaria expandir a democracia do povo, melhorar significativamente o *soft power*, melhorar substancialmente o padrão de vida dos chineses, além de obter progressos consideráveis na construção de uma sociedade preservadora de recursos e ambientalmente amigável (CHINA, 2014a, p. 19). Xi citado por China (2014a) demonstra que esses são objetivos atualizados em concordância com o 16º e o 17º Congresso Nacional.

O Segundo Objetivo Centenário remete aos três passos estratégicos da China elaborados na década de 1980, que foi uma estratégia de desenvolvimento chinesa para a realização da modernização inicial do Estado. Exposto no 13º Congresso Nacional em 1987, foi proposto como primeiro passo dobrar o PNB de 1980 até o fim daquela década. O segundo passo tratava de dobrar o PNB de 1990 até o fim do século XX. Como terceiro e último passo para a modernização, deveria-se elevar o PNB per capita ao nível dos países moderadamente desenvolvidos até a metade do século XXI (CHINA, 2014a, p. 21). Ao concluir a modernização (moderno país socialista que seja próspero, forte, democrático, culturalmente avançado e harmonioso), a China concluiria o seu primeiro estágio do socialismo.

Observa-se que o alcance dos dois objetivos tem direta relação com a realização do rejuvenescimento nacional. Xi (2012) expõe que ao atingir as metas propostas até o ano de 2049, terá sido realizado o sonho do grande rejuvenescimento da nação chinesa. Percebe-se então que a consecução dos objetivos completa a modernização desejada pelo Partido Comunista da China, rejuvenescendo a nação. Dessa forma, e conforme também já foi mostrado, entende-se que o “Chinese Dream” é o sonho de rejuvenescer, mas nesse caso destacamos o rejuvenescimento como algo concretamente perseguido com a consecução dos Dois Objetivos Centenários.

Embora as metas estabelecidas para o Primeiro Objetivo estejam mais claras, há dificuldades de interpretar as metas que transformarão a China em um país conforme definido no Segundo Objetivo. Os três passos estratégicos e a Constituição do Partido Comunista da China atualizado no 18º Congresso Nacional (XINHUA NEWS, 2013) indicam que se buscará alcançar um PIB *per capita* ao nível dos países moderadamente desenvolvidos. Lu (2015) aponta que, nesse caso, a China deveria perseguir um crescimento anual mínimo do PIB de 5,6% até 2049 para atingir o aproximado de US\$ 55.000,00 *per capita*, considerando a mediana das taxas de crescimento populacional. No entanto, entendemos que assim como o Primeiro Objetivo teve sua atualização e especificação no 18º Congresso Nacional, o Segundo Objetivo deverá ter maiores definições em oportunidades futuras e com a chegada dos novos líderes.

3.3 REPERCUSSÃO DOMÉSTICA

As manifestações domésticas acerca do “Chinese Dream” tomaram distintas formas. A sua publicidade e o debate em torno do tema aconteceram por meio das já referenciadas propagandas em outdoors, de já referidos discursos políticos, de vídeos em ambientes públicos como trens e ônibus, de competições de produção de artigos em escolas, de competição de fotografia produzida pelo Xinhua News, de pesquisas conduzidas no âmbito do Chinese Academy of Social Sciences (LEE, 2014), dentre outras. De acordo com Sørensen (2015, p. 55), 8.249 artigos com *Zhongguo Meng* no título foram publicados até metade de 2014 na China, indicando sua grande repercussão interna.

Durante visita oficial em março de 2013 ao Chinese Academy of Social Sciences, Liu Qibao, do Departamento de Publicidade do Comitê Central do Partido Comunista da China, convoca aquela instituição a aprofundar seus estudos sobre o “Chinese Dream”. A convocatória naquele momento, somada a diversos questionamentos acerca do seu peso, parece ter contribuído para que um certo ceticismo pairasse sobre a relevância do termo, uma vez que dava a impressão de ser vazio, conforme mostram as opiniões de Goldkorn, Kapp e Ringen (2013, traduzido pelo autor):

Infelizmente, não vi nada que me convença que o “Chinese Dream” não seja uma propaganda de má qualidade que tira vantagem do American Dream, imposta de cima como uma ideologia para justificar a continuidade do comando do Partido e uma forma eufônica de falar sobre o lugar da China no mundo.

No entanto, argumentamos que existe um conteúdo sólido, embora ainda não totalmente desmistificado, que foi e vem sendo gradativamente comunicado internamente e para o mundo.

Em sua campanha propagandística espalhada pelas cidades da China, o “Chinese Dream” é representado através da arte folclórica. A arte desenvolvida por diferentes províncias, como os tradicionais desenhos por cortes em papel (*jianzhi*), as pinturas sobre madeira, as madeiras esculpidas, entre outras formas, estampam muitos desses *outdoors*. As ilustrações trazem diversos *hobbies* tradicionais da cultura chinesa e enfatizam a vida rural. Além disso, alguns exaltam valores confucionistas como benevolência (representado pelo ideograma 仁, lendo-se *ren*) e piedade filial (respeito aos seus pais e antepassados, representado pelo ideograma 孝, lendo-se *xiao*), mostrados na Figura 4. Conforme indica Lee (2014), os pôsteres são caracterizados por um sentimento de nostalgia e populismo, expressando tanto pertencimento, quanto proximidade com o sonho. Ainda de acordo com Lee (2014, traduzido pelo autor), a intenção é formar o

[...] modelo de moralidade e cidadania na visão do Partido Comunista da China, estimulando camaradagem e trabalho árduo, nutrindo carinho pelos idosos e inspirando-se no modo de vida rural, representado como alegre e idílico. [...] A mensagem é um convite à participação na sociedade chinesa enraizada nas formas de expressão etnoculturais do povo *Han*, mantendo o entusiasmo e a confiança do público no Estado.

Com isso, vemos o duplo caráter do “Chinese Dream”, de implicações e perspectivas não apenas estatais, mas também individuais. Xi citado por China (2014a, p. 53) expõe para uma plateia de jovens que o “Chinese Dream” se vincula ao passado, presente e também futuro, revelando perspectivas de um futuro brilhante no qual o Estado será próspero e forte e o povo será beneficiado por uma vida feliz. Nesse sentido, o sonho do rejuvenescimento não se resumiria ao sonho do país, mas também aos anseios de cada chinês. Para Xi Jinping, alguém só pode viver bem quando a nação vai bem. Portanto, destaca-se a relação simbiótica entre povo e nação decorrente daquele conceito, pois a nação solidificada é a base para a concretização dos desejos da população, assim como o fortalecimento nacional depende do apoio popular.

Decorrente desse pensamento, extrai-se uma conotação nacionalista do “Chinese Dream”. Para Lee (2014), em face dos novos desafios impostos pela situação atual, a propaganda interna busca desviar a atenção para a necessidade de se criar um futuro harmonioso sob o compartilhamento de uma identidade nacional etnocultural, no qual qualquer membro poderá colher os resultados do florescimento econômico, além de incitar os

cidadãos a almejar o sonho do rejuvenescimento. Adicionalmente, Lee (2014) ainda expõe que a campanha doméstica de propagação traz subentendido que a única maneira de restaurar a glória da nação está nas mãos do Partido, ideia que se reforça ao citar a fala de Xi Jinping: “Ganhar ou perder apoio popular é uma questão que diz respeito à sobrevivência ou extinção do Partido Comunista da China” (XI apud LEE, 2014, traduzido pelo autor). Ainda assim, de maneira geral, a campanha é leve (no sentido de não ser agressiva) e tem implicações para o ambiente internacional: aqueles temerosos com a ascensão da China encontrarão pouca hostilidade ou arrogância nos materiais desenvolvidos (LEE, 2014).

4 DEBATE ACERCA DA POLÍTICA EXTERNA DA CHINA: DUAS VISÕES

Neste capítulo, propomo-nos a verificar a estratégia de política externa recente da China a partir da visão de dois dos expoentes da academia de Relações Internacionais chinesa: Yan Xuetong e Qin Yaqing. Para isso, iremos expor dois de seus artigos que, de certa maneira, dialogam entre si. Em 2014, Yan publicou o artigo intitulado “From Keeping a Low Profile to Striving for Achievement”, no qual argumenta que a política externa chinesa se deparou com um momento em que precisou abandonar a estratégia do *low profile* para adotar uma postura mais assertiva no cenário internacional – “Striving for Achievement” - e esse câmbio teria ocorrido com mais ênfase a partir de 2013. No entanto, Qin, também em 2014, publica o artigo “Continuity through Change: Background Knowledge and China’s International Strategy”, em que diretamente rechaça a visão de Yan (2014). Em seu entendimento, a estratégia chinesa não teria adotado uma em detrimento da outra: haveria o meio termo e ambas poderiam ser utilizadas, dependendo da relação do tema com o núcleo de interesses da nação compreendido pelo Partido Comunista.

No contexto dessa monografia, a relevância de discutir esses dois textos se dá em função da existência de um debate que questiona qual estratégia o governo segue, mostrando que não há uma clara definição da política chinesa nessa área. Adicionalmente, os textos de Yan (2014) e Qin (2014) dialogam entre si, abordam o “Manter o Low Profile” e o “Striving for Achievement”, são ricos em informações históricas relacionadas à política externa da China, chegam a conclusões distintas e são desenvolvidos por dois importantes estudiosos de Relações Internacionais. Com a apresentação dos artigos, teremos um plano de fundo sólido para interpretar os textos do capítulo seguinte, no qual buscaremos por evidências que sustentem ou não seus argumentos e observando se o “Chinese Dream” indica uma postura mais assertiva no plano internacional ou não.

Yan Xuetong é diretor do Instituto de Estudos Internacionais da Tsinghua University e editor-chefe do The Chinese Journal of International Politics.

Qin Yaqing é presidente da China Foreign Affairs University.

4.1 FROM KEEPING A LOW PROFILE TO STRIVING FOR ACHIEVEMENT (DO “MANTER O LOW PROFILE” AO “STRIVING FOR ACHIEVEMENT” – TRADUZIDO PELO AUTOR) – YAN XUETONG (2014)

Yan (2014) assume em seu artigo que Xi Jinping, a partir de 2013 por meio de discurso proferido na Conferência de Trabalhos Diplomáticos para Países Vizinhos, apresentou formalmente a estratégia de “Striving for Achievement” (do chinês, *fenfa youwei*). Com isso, a China assinalaria uma transformação em sua estratégia de política externa, que era pautada na política de “Manter o Low Profile” anteriormente, que possuiria pressupostos, planos, abordagens de trabalho e métodos distintos. Além de discorrer sobre o debate interno entorno do tema, Yan (2014) baseia-se na teoria do Realismo Moral para discutir o papel do “Striving for Achievement” na conformação de um ambiente internacional favorável para a consecução do “rejuvenescimento nacional”, objetivo manifesto, através da atração de mais aliados. Partindo desse Realismo Moral, Yan (2014) assume três pontos centrais na sua análise: sistema internacional anárquico e dilemas de segurança inevitáveis; política externa de grandes potências busca alcançar objetivos de interesses nacionais e de poder internacional; e competição por poder é um jogo de soma zero e conflitos estruturais entre potência emergente e potência consolidada são inevitáveis.

Iniciando entre os anos de 1990 e 1991, Deng Xiaoping adota como estratégia de política externa a ideia de “Manter o Low Profile”², o que geraria discussões internamente anos à frente acerca do tema. Yan (2014) observa que durante a década de 1990, a estratégia não teria sofrido grandes desafios nem grandes questionamentos de acadêmicos chineses. A partir de 2002, porém, o conceito passa a enfrentar algumas divergências, ainda que com a maioria continuando a sustentar a manutenção de um *low profile*. Quando as relações sino-japonesas se deterioram em função de visitas do Primeiro Ministro do Japão (Junichiro Koizumi) a 14 criminosos de guerra da II Guerra Mundial, a política de “Manter o Low Profile” vem a ser ainda mais rebatida em debates domésticos. Ainda assim, mesmo com todas as discussões no que tange a essa ideia, ela continuou a ser a mais apoiada na China por mais de duas décadas.

² Naquele momento, Deng elabora a “Estratégia dos 24 caracteres”, com os seguintes direcionamentos para a política externa chinesa: “observar calmamente; assegurar nossa posição; superar as dificuldades; esconder capacidades e esperar nosso momento; manter low profile; e nunca reivindicar liderança”, direcionamento esse que na língua chinesa possui 24 caracteres (ideogramas). De acordo com Yan (2012), a manutenção do *low profile* seria o ponto chave da política que o líder do Partido Comunista da China estabeleceu naquele período histórico.

Ao final da década de 2000 e início da década de 2010, Yan (2014) aponta três fatos que desafiam, de maneira ainda mais impactante, os defensores da política de “Manter o Low Profile”. O primeiro deles surgiria após às Olimpíadas de 2008 em Pequim: a sociedade internacional pressiona a China para que ela assuma mais responsabilidades quanto às questões de segurança. A visão era de que o país rejeitava participar de assuntos fora das suas questões centrais de segurança internacional e de que a sua insistência em se classificar como um país em desenvolvimento era pautado na relutância em contribuir com ajudas econômicas a outros países em desenvolvimento. O segundo fato relevante diz respeito à administração Obama no governo dos Estados Unidos: em 2010, é anunciado o “pivot to Asia” como estratégia norte-americana para balancear a poder chinês no leste asiático. Por fim, Yan (2014) menciona as disputas marítimas de 2009 da China com Japão, Filipinas e Vietnã como terceiro fato. Essa sequência de acontecimentos teria demonstrado que a manutenção de um *low profile* já não podia mais prover a China com um ambiente favorável, uma vez que não pode mais prevenir os Estados Unidos de reconhecê-la como principal competidor estratégico e nem mesmo pode apaziguar seus vizinhos.

“Manter o Low Profile”, então, teria formalmente deixado de ser a estratégia do governo com Xi Jinping. Por outro lado, Yan (2014) esclarece que é difícil estabelecer qual teria sido o exato ponto em que uma deu lugar à outra, significando que não necessariamente tal política tenha se iniciado durante o atual governo, posto que o próprio Xi já é um político influente na arquitetura da política externa há algum tempo. Porém, o discurso de 24 de outubro de 2013 legitima a transição.

Ao estabelecer como objetivo o rejuvenescimento da nação, também enquanto objetivo de política externa, a China incorporaria o “Striving for Achievement” como uma ferramenta de assertividade e de mais eficácia para alcançá-lo. Uma liderança internacional baseada em uma sólida credibilidade estratégica seria condição necessária para uma grande potência emergir (e fundamental para o objetivo do rejuvenescimento nacional), e isso não seria possível sem prover segurança e benefícios econômicos a outros países, em especial seus vizinhos. Nesse sentido, enquanto a estratégia de “Manter o Low Profile” focaria “apenas no próprio desenvolvimento econômico da China através de cooperação econômica” (YAN, 2014, p. 160, traduzido pelo autor), o “Striving for Achievement” “objetiva fazer mais amigos ao deixar que outros se beneficiem do crescimento da China” (YAN, 2014, p. 160, traduzido pelo autor). Essa abordagem implicaria também na China categorizar suas relações em quatro distintos tipos: pilares estratégicos (a exemplo de Rússia e Paquistão), Estados normais

(exemplificados por Alemanha e Índia), competidores globais (apenas os Estados Unidos) e países hostis (como Japão e Filipinas). Essa classificação determinaria a maneira de como se posicionar frente a determinado país, havendo assim uma distinção clara em relação à estratégia anterior de não diferenciar amigos e inimigos.

Além disso, Yan (2014) enxerga outras duas abordagens que se diferem do “Manter o Low Profile”: a ênfase na cooperação estratégica baseada em interesses comuns mais amplos e o novo conceito de moralidade e interesse. Pela primeira, a China mostra que será mais prática e mostrará maior iniciativa para desenvolver cooperação estratégica com países vizinhos. Já pela segunda, faz referência à moralidade ser superior a vantagens econômicas, diferenciando-se do KLP.

Como consequência de declarar o rejuvenescimento enquanto meta nacional, a competição por liderança internacional entre China e Estados Unidos seria inevitável. Em seu artigo, Yan (2014, p 164, traduzido pelo autor) entende que

o rejuvenescimento nacional enquanto frase literalmente refere-se à retomada do status internacional histórico da China como país mais avançado do mundo durante o período da Prosperidade Zhenguan (627-649 DC), no início da Dinastia Tang (618-907 DC). Hoje em dia, a frase especificamente se refere aos esforços da China em alcançar os Estados Unidos em termos de poder nacional.

Anexações e alianças seriam duas das estratégias de grandes potências na competição internacional. Porém, uma vez que as anexações se tornaram ilegais a partir da Carta das Nações Unidas em 1945, a única ainda disponível é a segunda. Para Yan (2014), ao estipular o mencionado objetivo, a China conseqüentemente precisa abrir mão do princípio de não-aliança adotado em 1982.

De acordo com Yan (2014, p. 166), o rejuvenescimento nacional possui a agenda concreta de estabelecer uma sociedade moderadamente próspera até o centenário de fundação do Partido Comunista da China em 2021 e um país socialista rico e forte até o centenário de fundação da República Popular da China em 2049³. A estratégia anterior focava em manter a paz nos arredores de seu território para assegurar o seu desenvolvimento econômico. Já sob a estratégia atual, além de dirigir especial importância à paz e à estabilidade da região, há também a ênfase de que sua política externa deve visar a esse rejuvenescimento. O câmbio na meta da política externa chinesa de servir ao desenvolvimento econômico para passar a servir o rejuvenescimento da nação lhe imputa novas iniciativas: enquanto que sob a estratégia do *low profile* a China passivamente procurava se adaptar às mudanças no sistema internacional,

³ Embora não seja expresso no artigo, Yan se refere aos “Dois Objetivos Centenários”.

o “Striving for Achievement” indica que o país tomará iniciativas para moldar o sistema de maneira a favorecê-lo⁴.

Ainda seguindo nas comparações entre as duas abordagens de política externa, Yan (2014) pontua outros pressupostos. “Manter o Low Profile” se sustentava nos princípios de não assumir lideranças, insistir na não-aliança e priorizar relações com os Estados Unidos. Por sua vez, “Striving for Achievement” é principalmente definido com os ideogramas ‘qin’ (estar perto), ‘cheng’ (credibilidade), ‘hui’ (beneficiar) e ‘rong’ (inclusivo). Citado por Yan (2014), Xi Jinping expõe que isso significa que a China deve se aproximar mais dos países vizinhos, construir credibilidade estratégica com eles, prover-lhes com benefícios do crescimento econômico chinês e desenvolver cooperação na região com mente aberta. Com isso, o acadêmico conclui que a política para a relação com os países ao seu redor será mais pautada em relações estratégicas do que em cooperação econômica.

Adentrando na utilização desses ideogramas na ilustração da nova estratégia de política externa, o artigo discorre sobre seus significados específicos. “Estar perto” dos Estados vizinhos seria não apenas manter boas relações com os mesmos, mas também não mais ser neutro ou colocar-se ao lado dos Estados Unidos durante conflitos dos norte-americanos com vizinhos aos chineses. Por “credibilidade”, entende-se que este é um princípio fundamental para se tornar um hegemon e também um importante pensamento da política chinesa tradicional. Além disso, traduz-se na percepção de que a influência diplomática da China se encaminha para a de um Estado poderoso, conforme a seguinte passagem do artigo:

Após a Guerra Fria, ‘daguo wajijiao’ (diplomacia dos grandes Estados) nos documentos oficiais chineses se referia àqueles Estados mais fortes que a China, como Estados Unidos, Rússia, Japão, Alemanha, França e Reino Unido. O significado desse termo mudou em discurso de Wang Yi intitulado ‘Exploring the Path of Major Country Diplomacy with Chinese Characteristics’ em junho de 2013. O termo ‘grandes Estados’ não mais se refere a outras potências, mas à própria China. (YAN, 2014, p. 168, traduzido pelo autor).

Sendo assim, “credibilidade” implicará em uma maior responsabilidade internacional, o que se opõe a não assumir lideranças. Por sua vez, “beneficiar” significaria ajuda econômica a países em desenvolvimento. Por fim, “inclusivo” está ligado a uma visão de que a região Ásia-Pacífico é ampla o suficiente para que todos os Estados possam se desenvolver e que a China deve ativamente conduzir a uma cooperação. Nesse aspecto, inclusive, o governo muito estaria advogando em favor de uma “comunidade de destino comum”.

⁴ Simbolizando assertividade, na sua visão.

De modo geral, Yan (2014) entende que os efeitos gerais e momentâneos da nova estratégia têm sido satisfatórios, na maioria dos casos. Nas partes finais de seu artigo, procura relatar por meio de dados quantitativos e análises qualitativas as consequências da nova política externa nas relações com Estados Unidos, potências europeias (especificamente Rússia, Alemanha, França e Reino Unido), países em desenvolvimento e, finalmente, Japão. Argumenta que a China busca um “novo tipo de relação entre grandes potências”, o que para Yang Jiechi visa a explorar novas formas de gerenciar diferenças entre China e Estados Unidos, quando comparadas às relações no pós-Guerra Fria entre outras potências. Nesse caso, averigua que os dois Estados passaram a entender sua relação mais como competitiva do que cooperativa, e isso teria diminuído expectativas que pudessem não ser atendidas, tornando suas decisões políticas menos emotivas e mais claras. Também enxerga relações melhoradas com as potências europeias e países em desenvolvimento.

O relacionamento com o Japão não teria experimentado melhorias de 2012 até o momento de publicação do artigo. No entanto, enxerga que as tensões com este vizinho não são em função do “Striving for Achievement”. As relações entre os dois países já vêm deterioradas mesmo quando “Manter o Low Profile” era a estratégia dominante, apesar de possuir dados quantitativos que mostrem que as tensões chegaram a níveis mais altos recentemente. No entanto, as razões para isso estariam no fato de os japoneses não aceitarem perder seu posto de segunda maior economia para a China. Adicionalmente, “Striving for Achievement” não conseguiu abrandar a situação, mas teve efeitos positivos ao isolar o Japão de apoios internacionais em conflitos que envolvessem os dois países.

4.2 CONTINUITY THROUGH CHANGE: BACKGROUND KNOWLEDGE AND CHINA'S INTERNATIONAL STRATEGY (CONTINUIDADE ATRAVÉS DA MUDANÇA: BACKGROUND KNOWLEDGE E ESTRATÉGIA INTERNACIONAL DA CHINA – TRADUZIDO PELO AUTOR) – QIN YAQING (2014)

Em artigo intitulado “Continuity through Change: Background Knowledge and China's International Strategy” publicado em 2014, Qin Yaqing (2014) pondera a visão de alguns autores que analisam que a política externa chinesa teria passado a adotar a estratégia de “Striving for Achievement” em detrimento daquela de “Manter o Low Profile”. Utilizando-se de palavras como “assertiva” e “dura”, muitos acadêmicos se referem a novas posições da China no sistema internacional decorrentes dessa mudança de política. Porém, Qin (2014)

enxerga erros estruturais nessa lógica que contrapõe uma estratégia à outra em termos dicotômicos e, manifestamente, confronta os argumentos de Yan (2014).

Inicialmente, Qin (2014) explora a ideia de que *Background Knowledge* tem um importante papel em orientar ações em meios sociais. Adler e Pouliot citados por Qin (2014) dizem que indivíduos e grupos agem, interagem, planejam, julgam, simbolicamente representam a realidade e têm expectativas quanto ao futuro dentro de um plano de fundo interpretativo dominante. Esse plano de fundo dominante estabelecerá os termos sob os quais o indivíduo e/ou grupo irá interagir, definir horizontes possíveis e conceber o *Background Knowledge* de expectativas, disposições, habilidades técnicas e rituais que serão a base para a constituição das práticas sociais e seus limites. Dessa maneira, o *Background Knowledge* molda a forma de pensar e guia ações nos meios sociais. Qin (2014), portanto, entende que a maior parte das ações de um Estado ator do sistema internacional é conduzida pelo *Background Knowledge* formado por histórias, experiências, práticas e hábitos, e não pelo cálculo racional – ideia relacionada ao Realismo.

Compondo um dos núcleos do *Background Knowledge* da cultura chinesa (e, portanto, também dos tomadores de decisão da política chinesa) estaria a dialética *Zhongyong*, também referida como dialética de complementariedade. A dialética *Zhongyong* sustenta que o meio termo é geralmente mais apropriado do que qualquer conduta que se aproxime dos possíveis extremos. Ainda assim, essa dialética não pressupõe que os extremos não vão ser alcançados, mas sim que se deve saber quando alcançá-los. Partindo desta dialética, a interação entre dois polos, entendido aqui como dois conceitos que se opõem, resulta em progresso e evolução a partir de uma lógica de correlatividade, e não de conflito no qual um se sobreporia ao outro. Nesse caso, entende-se que um par de opostos não são independentes e assim agem entre si. Ao contrário, esses opostos são duas partes correlacionadas que compõem um todo orgânico e que nele se complementam. Qin (2014) exemplifica essa interação nos opostos homem e mulher, força e fraqueza, natureza e cultura, continuidade e mudança, entre outros.

A polaridade não é negada, mas sim entendida de outra forma. A dialética Hegeliana, na visão de Qin (2014), assume a lógica de uma dicotomia na qual dois polos ou teses são entendidos como entidades independentes interagindo um com o outro. Nessa relação conflituosa, a síntese ocorre com a incorporação, superação ou destruição da tese oposta, não havendo espaço para uma conciliação ou coevolução. Por sua vez, a dialética chinesa organiza os polos de uma maneira não-dicotômica. Há a compreensão de que em um oposto, o outro lá esteja contido, e vice-versa. Ademais, a interação entre os opostos é, além de conflituosa,

harmoniosa, uma vez que contribui para os seus próprios processos de se tornarem o que são e evoluírem. A dinâmica de complementariedade, finalmente, se mostra como sendo de continuidade e mudança, de continuidade através da mudança, e de mudança através da continuidade.

A dialética *Zhongyong* é, então, ponto-chave para o entendimento da relação entre “Manter o Low Profile” e “Striving for Achievement”, e da relação de continuidade e mudança da política externa chinesa. Qin (2014) percebe que “Manter o Low Profile” e “Striving for Achievement” são geralmente tratados como opostos dicotômicos com objetivos, pressupostos, planejamentos, abordagens de trabalho e métodos fundamentalmente diferentes. Essa percepção coincidiria com sua observação de que a narrativa geralmente faz referência a um mundo que acompanhará uma competição pelo poder entre Estados Unidos e China - o hegemom e a potência emergente - para ver quem será o próximo hegemom e qual será a próxima ordem mundial.

Qin (2014) não discorda de que houve mudanças na política externa, porém se questiona se tais alterações de fato refletem e representam significantes reorientações para o futuro. Conforme Johnson citado por Qin (2014, p. 14, traduzido pelo autor) expressa, “a visão de uma China mais assertiva subestima o grau de assertividade em certas políticas do passado e superestima o peso da mudança na diplomacia da China de 2010 em diante”. Em seu artigo, Qin (2014) comenta que a produção acadêmica, tal como o artigo de Johnson, também não tem sido capaz diminuir que a ideia de uma China mais assertiva se espalhe e que, como resultado, um mundo político construído pela percepção de competição por poder como sua essência pode se tornar realidade. O autor, no entanto, pondera que o argumento de continuidade da estratégia de política externa chinesa também pouco contribui, uma vez que alterações estão ocorrendo.

É observado que o argumento de Yan (2014) baseia-se em três estruturas dicotômicas interrelacionadas para diferenciar o “Striving for Achievement” do “Manter o Low Profile”. A primeira diz respeito ao objetivo das estratégias: enquanto que o “Manter o Low Profile” teria orientações para servir ao desenvolvimento, o “Striving for Achievement” seria orientado pela obtenção de poder. A segunda se trata de assumir responsabilidades, colocar-se como liderança e estabelecer alianças: a China não mais iria insistir nos princípios de não-aliança, deixaria de ser neutro quanto a conflitos dos Estados Unidos com seus vizinhos e procuraria se tornar um líder de credibilidade em um sistema de aliança que compita pelo poder. Por sua vez, a terceira estrutura refere-se à abordagem de trabalho das duas estratégias: o “Manter o

Low Profile” priorizaria interesses econômicos sobre a moral política e o “Striving for Achievement” teria a abordagem reversa, o que Qin (2014) compreende como uma versão remodelada da primeira estrutura, porém nesta o conceito de moralidade não é claro.

A análise das estratégias estaria submetida a essa visão que coloca seus elementos mais importantes em contraste. A percepção das duas abordagens estaria estruturada nas dicotomias conflitivas: economia vs. política, não-liderança vs. responsabilidade e benefícios econômicos vs. moralidade política. Já que os conceitos estão expostos dessa maneira, as próprias estratégias estão presas a esse conflito dicotômico, aparentando ser mutuamente exclusivos e confrontacionais. Sendo assim, ao adotar o “Striving for Achievement”, não haveria espaço para o “Manter o Low Profile”, e vice-versa.

Assumindo que o *Background Knowledge* é significativo para pensamentos e condutas e a dialética *Zhongyong* é parte desse plano de fundo dos chineses, Qin (2014) faz uma série de conclusões. A primeira é a de que há evidências tanto de continuidade quanto de mudança na política externa da China ao longo dos anos. “Manter o Low Profile” e “Striving for Achievement” podem ter coexistido mesmo durante os anos 1990, apesar de a primeira ter sido mais destacada do que a outra. A segunda reforça que continuidade e mudança são mutuamente inclusivos, indicando que a fuga de uma estratégia para a outra não parece viável nem possível. A terceira pontua que parece mais apropriado balancear as duas estratégias e sabiamente buscar um meio termo, ou seja, buscar um caminho adequado entre os extremos (e não uma média). A quarta conclusão é que a dialética chinesa tem especial atenção pela proporção da ação, o que nesse caso significa saber quando se manter em um *low profile* e quando ser mais assertivo. Portanto, “‘Manter o Low Profile’ ou ‘Striving for Achievement’” não seria a pergunta a ser feita, mas sim o que continua e o que muda, se continuidade mantem-se como principal orientação ou se mudanças pautam a elaboração de políticas e a sua implementação.

Qin (2014) argumenta que os objetivos finais terão continuidade. O objetivo mais importante da estratégia internacional da China continuaria a ser servir ao desenvolvimento doméstico, o que estaria expresso no rejuvenescimento da nação levantado por Xi. O rejuvenescimento nacional estaria representado na realização dos Dois Objetivos Centenários e seria reforçado com a frase de Xi Jinping citado por Qin (2014, p. 19, traduzido pelo autor) de que “O objetivo estratégico da nossa diplomacia para com nossa vizinhança é seguir e servir à realização dos dois objetivos e do grande rejuvenescimento da nação chinesa”. Por isso, Qin (2014) sustenta que o desenvolvimento econômico seguirá percebido como

prioridade, uma vez o desenvolvimento doméstico estaria ligado a, pelo menos, uma meta de orientação econômica, qual seja, o Primeiro Objetivo Centenário. Além disso, observa que até 2050 com a realização do Segundo Objetivo Centenário, a política externa terá mais continuidade do que mudanças, indicando ser mais mito do que fato a ideia de uma alteração das metas domésticas para uma competição pela hegemonia global.

Também não haveria indícios de que a China deixaria de se colocar como neutra ou deixar de se posicionar ao lado dos Estados Unidos em conflitos em sua região, além de não demonstrar que irá se utilizar de credibilidade estratégica como pré-condição para se tornar um hegemon. O que há é que Xi Jinping enfatiza a importância estratégica de sua vizinhança na manutenção de um ambiente internacional e regional favorável para o desenvolvimento doméstico. O relacionamento com esses países não seria uma forma de alinhamento na confrontação decorrente de alguma competição global.

Ainda sobre a conformação de um ambiente internacional favorável, ao continuar estabelecendo isso como objetivo, as relações com os Estados Unidos continuam sendo as relações bilaterais mais relevantes para a China. Porém, essa importância não estaria vinculada à percepção de que a China teria se tornado um gigante e que então competiria com os norte-americanos globalmente, mas sim em função destes serem atores-chave que podem ter peso decisivo na realização do rejuvenescimento nacional. Seria nesse sentido que a construção de um “novo tipo de relação entre grandes potências” estaria sendo manifestado.

Retomando raciocínios anteriores, Qin (2014) expõe que o princípio de não-aliança também continuará a ser uma das características da política externa da China e que a diplomacia econômica permanecerá como importante meio para alcançar objetivos. Enquanto que para o primeiro Qin (2014) exemplifica com fatos ocorridos nas relações com russos e norte-coreanos, para o segundo, ressalta que a forma como é conduzida as relações com os Estados Unidos (alta interdependência econômica) e os países vizinhos (dar mais do que receber) atendem ao trazer menos impactos negativos para o ambiente doméstico, já que diminuem a pressão ideológica norte-americana e criam clima regional mais amistoso e estável.

Embora ocorra continuação, há também mudanças a serem observadas. A ênfase em um núcleo de interesses nacionais seria uma dessas mudanças perceptíveis a partir de 2010 e 2011. Esse núcleo seria oficialmente composto por segurança, soberania e desenvolvimento, sendo considerados pontos invioláveis e dos quais a China não se sacrificaria por qualquer custo. Esta tríade estaria interrelacionada entre si, posto que a segurança do Estado e do

sistema político seria condição primária para a soberania e o desenvolvimento econômico prosperarem, enquanto que estes dois fornecem possibilidades políticas e econômicas para a legitimação do Estado e do sistema.

Soberania e integridade territorial poderia ser a área na qual a posição da China seja mais clara e forte, inclusive não se excetuando ações militares ocasionais. Havia críticas da opinião pública de que o país estaria sendo muito brando em problemas envolvendo essas questões e, nesse sentido, espera-se que a China se posicione mais energicamente do que antes nas disputas territoriais com o Japão e outros vizinhos. De uma maneira geral, haverá mais assertividade se houver a compreensão de que o problema está relacionado ao núcleo de interesses nacionais, mas, do contrário, a manutenção do *low profile* permanece.

Justificando a continuidade através da mudança, Qin (2014) destaca que se o argumento da mudança estivesse correto, os três pontos do núcleo de interesses indicariam uma clara reorientação da política externa para servir à competição global ao invés do desenvolvimento doméstico. A orientação de priorizar o doméstico não foi modificada e competir com o hegemon não parece ser uma meta realista. As mudanças que vierem a ocorrer dentro da estratégia de política externa deverão estar mais voltadas para consecução dos objetivos estratégicos gerais do que para a mudança do objetivo em si.

5 ANÁLISE DE TEXTOS

Partiremos do princípio de que “Manter o Low Profile” não é mais a única estratégia de política externa do governo chinês. Isso significa tanto que ela pode ter sido completamente superada por uma nova, quanto que ela seja considerada concomitantemente com uma nova. De qualquer maneira, estará implícito que o “Striving for Achievement” já compõe a estratégia, porém, sem que saibamos seu peso de início. Para não se chegar a conclusões precipitadas, faz-se necessário ter em mente que, pelo menos, há um debate em torno dessa temática.

Yan (2014, p. 160, traduzido pelo autor) acredita que “Para entender o significado da estratégia SFA, será necessário analisar três documentos, a saber, o discurso de Xi [Jinping], o artigo de Yang [Jiechi] e a declaração de Wang [Yi]”. Seguindo sua sugestão, analisaremos as referências ao “Chinese Dream” nesses três textos.

5.1 *EXPLORING THE PATH OF MAJOR-COUNTRY DIPLOMACY WITH CHINESE CHARACTERISTICS* (EXPLORANDO O CAMINHO DA DIPLOMACIA DAS GRANDES POTÊNCIAS COM CARACTERÍSTICAS CHINESAS – TRADUZIDO PELO AUTOR) – WANG YI (2013)

5.1.1 **Produção do Original**

Wang Yi é Ministro das Relações Exteriores da China desde 2013, sendo membro do 17º e 18º Comitê Central do Partido Comunista da China.

O texto analisado é a versão online traduzida do chinês para o inglês do seu pronunciamento durante realização do segundo World Peace Forum, sediado na Tsinghua University em Pequim, China. Seu discurso foi proferido no dia 27 de junho de 2013.

O World Peace Forum é um fórum global e não-governamental sobre segurança internacional, contando com o apoio do Conselho de Estado. A edição de 2013 foi a segunda e sua organização contou com a assistência do Chinese People’s Institute of Foreign Affairs. O fórum reúne políticos influentes dos principais países, líderes de organizações internacionais, experts internacionais e altos executivos de multinacionais.

5.1.2 Análise de Texto

Os Dois Objetivos Centenários e o “Chinese Dream” do grande rejuvenescimento nacional surgem como as principais metas a serem alcançadas pelo povo chinês, citando por Xi Jinping. O caminho explorado atualmente seria o da diplomacia com características chinesas das grandes potências. No âmbito desta diplomacia sob a liderança do novo Secretário-Geral, julga que há “uma maior perspectiva global com mais espírito empreendedor e inovador”. (WANG, 2013, traduzido pelo autor).

Observamos que embora o “Chinese Dream” seja mencionado uma vez nos primeiros parágrafos e mais duas vezes apenas no final, a ideia do rejuvenescimento nacional atua como uma espinha dorsal durante sua manifestação. O entendimento deste conceito relaciona-se com o que Wang (2013, traduzido pelo autor) diz ser as “condições nacionais básicas da China”, depreendendo-se que seu país continua sendo um “país em desenvolvimento” (WANG, 2013, traduzido pelo autor) e ainda “nem rico e nem forte” (WANG, 2013, traduzido pelo autor). É a partir da consideração desta realidade básica que a China se propõe a conduzir sua diplomacia.

Seria pautado nessa realidade básica que Wang (2013) indica que sua diplomacia deve se manter focada em servir à tarefa central do desenvolvimento. Para concretizar a sociedade moderadamente próspera (a qual podemos relacionar com o Primeiro Objetivo Centenário), o corpo diplomático deve trabalhar para “criar um ambiente externo tranquilo”. Há também a compreensão de que o desenvolvimento global seria um aliviador dos problemas internacionais, e para isso sua política externa “deve empregar mais ênfase em benefícios mútuos e estimular o desenvolvimento em comum” (WANG, 2013, traduzido pelo autor). Nesse sentido, podemos destacar as menções de Wang (2013) às expectativas que o mundo tem acerca dos posicionamentos e das responsabilidades do Estado chinês no momento atual, ao novo modelo de relações entre grandes potências e à prioridade de sua região geográfica para a sua diplomacia. Quanto às expectativas, Wang (2013) mostra-se ciente de sua existência e que através de uma diplomacia mais proativa, buscará vincular o bom momento doméstico da China com a situação mundial. Aqui, compreendemos que Wang (2013) se refere ao atual crescimento econômico chinês acima da média global. Já no que diz respeito ao novo modelo de relacionamento, a menção é feita em relação aos Estados Unidos e à Rússia: não conflito, não confrontação, respeito mútuo e cooperação ganha-ganha são os principais elementos acordados com os americanos por meio do contato de Xi Jinping com

Barack Obama. Para com a Rússia, os consensos giraram em torno do aprofundamento da confiança e da cooperação nessa nova era. Por fim, Wang (2013, tradução pelo autor) recorda que sua vizinhança continuará a ser a região prioritária, uma vez que o “processo em direção à paz se inicia no seu entorno”. Garante que, nesse ponto, a China irá ampliar investimentos nos países vizinhos. Entretanto, enaltece que as soluções para as disputas nesse espaço sejam perseguidas através de diálogo e negociação “com base no pleno respeito aos fatos históricos e às leis internacionais.” (WANG, 2013, traduzido pelo autor). Apesar da inclusão das palavras “diálogo” e “negociação”, a complementação com referência aos fatos históricos conota assertividade considerável. Levando-se em consideração essas abordagens, atua-se para construir um ambiente que permita o crescimento sustentável chinês.

Wang (2013) ressalta que desde a fundação da República Popular da China, uma série de políticas estratégicas foi tomando forma. Sua descrição refere-se, por exemplo, à independência de sua política externa: “Na nova era, a China continuará comprometida com sua política externa de independência [...]” (WANG, 2013, traduzido pelo autor). Complementa ainda afirmando que eles mesmos irão decidir suas próprias políticas e posições. Em nossa visão, esse pensamento vai de encontro à afirmação de Yan (2014) de que a China estaria disposta a rever sua política de não-aliança iniciada em 1982.

5.2 *INNOVATIONS IN CHINA’S DIPLOMATIC THEORY AND PRACTICE UNDER NEW CONDITIONS* (INOVAÇÕES NA TEORIA E PRÁTICA DIPLOMÁTICA DA CHINA SOB NOVAS CONDIÇÕES – TRADUZIDO PELO AUTOR) – YANG JIECHI (2013)

5.2.1 **Produção do Original**

Yang Jiechi atualmente é Conselheiro de Estado e membro do 18º Comitê Central do Partido Comunista da China. De 2007 a 2013, foi o Ministro das Relações Exteriores.

O texto aqui analisado é a tradução para o inglês de um artigo seu escrito originalmente em chinês e publicado no jornal de teoria política Qiushi (em português, “Buscando a Verdade”), do qual temos acesso à versão online. Esse é um jornal de periodicidade bimestral sob o comando do Comitê Central do Partido Comunista da China. A tarefa dessa publicação é tornar público a filosofia vigente do Partido, tratando de conteúdos políticos, econômicos, culturais e questões sociais, ao mesmo tempo em que fornece análises de políticas globais e de política externa da China. 60% dos artigos escritos são de autoria de

líderes de Estado e Partido, e oficiais-sênior dos níveis ministeriais e de província; pesquisadores de institutos relevantes de estudos influentes no nível governamental e acadêmicos também contribuem para o jornal (QIUSHI JOURNAL, 2014).

5.2.2 Análise de Texto

Neste texto, o “Chinese Dream” não é diretamente conectado com a linha de raciocínio a ser seguida, estando mais ligado às inovações das novas lideranças do Partido Comunista da China. Apesar de suas 11 citações ao longo do texto, 10 delas estão concentradas nas explicações da relação desse termo com os interesses dos demais países, em especial daqueles em desenvolvimento e dos vizinhos. Yang (2013), assim como Wang (2013), também destaca a necessidade de um ambiente regional e internacional pacífico e estável a fim de se realizar o “Chinese Dream”. No entanto, empenha-se mais em discorrer da sua relação com os sonhos de outros Estados, e que nesse contexto em que há a necessidade de um cenário externo estabilizado e em que outros também anseiam pelo desenvolvimento, o conceito do “Chinese Dream” corrobora ações da China em prol de cooperações ganha-ganha e de desenvolvimento em comum. Nesse sentido, a utilização do termo nesse artigo escrito por Yang (2013) busca ressaltar o encaminhamento dado para uma comunicação mais clara para com o exterior, “substancialmente impulsionando o apelo e a influência da China no mundo, realçando sua estatura e voz nos assuntos internacionais e dando plena expressão à forte sinergia entre sua agenda doméstica e externa.” (YANG, 2013, traduzido pelo autor).

Ainda assim, conceitos diretamente relacionados ao “Chinese Dream” estão presentes na sequência do texto. Ao tratar das relações com os Estados Unidos, Yang (2013) expressa que o novo modelo de relacionamento promovido entre as partes é requisito inerente à consecução dos Dois Objetivos Centenários. A opção por esse modelo teria por base a revisão histórica e os ensinamentos das lições fornecidas pelas experiências passadas conflituosas entre grandes potências. De tal revisão, origina-se uma política caracterizada de forma resumida por três pontos, de acordo com Xi Jinping referenciado por Yang (2013):

* Não-conflito e não-confrontação: enxergar as intenções estratégicas do outro de forma objetiva e sensível, sendo parceiros ao invés de adversários e tratar suas diferenças e disputas por meio de diálogo e cooperação em detrimento de posturas confrontacionais.

* Respeito mútuo: respeitar as escolhas de sistemas sociais e de caminhos de desenvolvimento escolhidos por cada um, respeitar os seus interesses centrais, e inclusão e aprendizado mútuo.

* Cooperação ganha-ganha: abandonar a mentalidade de jogo de soma zero, promover o desenvolvimento em comum.

Yang (2013) entende que apesar desses esforços, que julga sem precedentes, isso não necessariamente indica um processo livre de problemas.

No que diz respeito a essas características, a despeito da relevância de todos os pontos apresentados por Xi e Yang, destacaríamos principalmente o segundo, no contexto desta monografia. Além da menção aos interesses centrais, entendemos que é ressaltado nessa explicação um motivo de apreensão: a diferença de sistemas adotados pelos dois países, principalmente domesticamente. Enquanto os Estados Unidos têm um discurso histórico de defesa da democracia e liberdade, lançando-se também para o exterior dessa forma, o Partido Comunista da China se vê como única fonte e caminho para a realização do sonho do rejuvenescimento. Deste trecho do texto em que se pontua o respeito aos sistemas, detectamos uma fonte de preocupação implícita no discurso.

Já citado no respeito mútuo necessário no novo modelo de relacionamento entre grandes potências, os interesses centrais nacionais ganham maior destaque na sequência do texto. Yang (2013) coloca bastante ênfase nos interesses centrais da soberania, segurança e desenvolvimento, expressando que a China está comprometida com o desenvolvimento pacífico, mas que as forças internacionais não devem esperar que o seu Estado abra mão de seus interesses legítimos ou do compromisso com esses valores. Yang (2013, traduzido pelo autor) afirma: “Nenhum país deve esperar que engoliremos os frutos amargos que minam nossos interesses de soberania, segurança e desenvolvimento. Em nosso trabalho diplomático, não nos esquivaremos das disputas ou problemas que possam vir a ocorrer”. Nesse caso, resgatamos a correspondência das ideias expostas por Qin (2014) acerca da assertividade com esta fala.

5.3 *DIPLOMACY WITH NEIGHBORING COUNTRIES CHARACTERIZED BY FRIENDSHIP, SINCERITY RECIPROCITY AND INCLUSIVENESS* (DIPLOMACIA COM PAÍSES VIZINHOS CARACTERIZADA PELA AMIZADE, SINCERIDADE, RECIPROCIDADE E INCLUSÃO – TRADUZIDO PELO AUTOR) – XI JINPING (2013)

5.3.1 Produção do Original

Conforme já referido, Xi Jinping foi eleito Secretário-Geral do Partido Comunista da China e presidente da Comissão Militar Central no 18º Congresso do Partido em 2012, além de eleito presidente da China em 2013.

O texto aqui analisado são os principais pontos em inglês do discurso de Xi Jinping na Conferência de Trabalhos Diplomáticos para os Países Vizinhos, proferido originalmente em chinês. A versão utilizada encontra-se no livro impresso “Xi Jinping: The Governance of China”, que se trata de um compilado de 79 discursos, falas, entrevistas, instruções e correspondências de Xi entre 2012 e 2014. O trabalho de elaboração do livro foi feito em conjunto pelo State Council Information Office, pelo Party Literature Research Office e pelo China International Publishing Group. O livro foi publicado em dez línguas: chinês simplificado (escrita utilizada na China Continental), chinês tradicional (escrita utilizada em Taiwan), inglês, francês, russo, árabe, espanhol, português, alemão e japonês (CHINA, 2014b).

5.3.2 Análise de Texto

Este discurso proferido por Xi Jinping e aqui analisado através de seu texto em inglês é o único dos três textos que de fato houve a menção direta ao *fenfa youwei* (e apenas uma vez) em sua versão divulgada na língua chinesa, que vem sendo traduzido como “Striving for Achievement”. Em sua única menção, o termo chinês foi traduzido para o inglês como *work harder*. Na frase em aparece, traduziríamos como:

Nós precisamos **trabalhar arduamente** para promover nossa diplomacia com nossos países vizinhos, empenhar-nos para um ambiente regional tranquilo para nosso desenvolvimento, usar nosso próprio desenvolvimento em benefício dos países vizinhos e realizar o desenvolvimento em comum entre eles (XI apud CHINA, 2014a, tradução e negrito do autor).

Isso nos chama a atenção em função dessa tradução oficial para *work harder* estar sendo traduzida de outra maneira para o inglês, a exemplo dos artigos acadêmicos com os quais trabalhamos no capítulo anterior. A partir dessa observação, somos levados a crer que ou Yan (2014) se equivoca em considerar esses três textos representativos do *fenfa youwei*, ou *fenfa youwei* não uma expressão representativa de uma nova política externa no governo de Xi Jinping nos discursos governamentais. Isso ainda nos indica que o tão repercutido “Striving for Achievement” é uma escolha arbitrária de tradução que vem sendo propagado dessa forma em inglês em trabalhos acadêmicos, podendo levar a diferentes percepções e até a superestimar uma mudança de postura de política externa. Evidencia-se aqui, portanto, que “Striving for Achievement” não são as palavras escolhidas pelos tradutores oficiais.

Quanto ao “Chinese Dream”, este é o texto entre aqueles aqui analisados que mais solidamente o aborda, ainda que o termo seja citado apenas três vezes. Apesar de o primeiro texto também partir de uma linha de raciocínio que o coloca como espinha dorsal, este texto não foge das temáticas centrais ao rejuvenescimento nacional. Podemos considerar que isso ocorre pelo escopo deste discurso ser mais reduzido do que os demais, já que é especificamente voltado para tratar do relacionamento com os países vizinhos.

Conforme expressa Xi Jinping citado por China (2014a) em sua primeira frase, boa diplomacia com os vizinhos é requisito para a realização dos Dois Objetivos Centenários e do “Chinese Dream”. Posteriormente, mais uma vez é afirmado: “A diplomacia da China nesta área é dirigida, e deve servir, aos Dois Objetivos Centenários e nosso rejuvenescimento nacional”. (XI apud CHINA, 2014a, traduzido pelo autor, p. 326). Sendo assim, aponta que a diplomacia para a região será caracterizada pela amizade, sinceridade, reciprocidade e inclusão. A amizade seria condizente com a ideia de tomar ações voltadas a seus vizinhos que façam com que a China ganhe apoio e aprovação, aumentando a influência sobre eles. A manutenção dessa amizade seria mantida com a sinceridade. A reciprocidade estaria na busca por criar uma rede de interesses em comum, que é reforçado com a afirmação de que planos devem ser desenvolvidos por parte da China para utilizar seus recursos das áreas da economia, do comércio, da ciência e tecnologia, e das finanças. As novas rotas da seda terrestre e marítima e o Asian Infrastructure Investment Bank seriam exemplos de pontos estratégicos de convergência de interesses nas quais há cooperação de mútuo benefício com vizinhos. Por fim, a ideia inclusão corroboraria a afirmação de que há espaço para o desenvolvimento de todos na região da Ásia Pacífica. A principal meta com essa abordagem é manter a paz e a estabilidade da região.

5.4 INTERPRETAÇÕES GERAIS

Com exceção do texto de Xi Jinping, os outros dois são mais abrangentes e tratam da diplomacia chinesa de forma mais ampla. É justamente naquele menos abrangente que a palavra *fenfa youwei* aparece, vinculando-se diretamente com a estratégia diplomática para a sua região, e não para outro contexto. Embora a política por trás de um conceito como o “Striving for Achievement” possa ser um fenômeno social independente da existência de um fenômeno linguístico que a defina, não encontramos margem para atribuir aos três textos o peso de legitimadores dessa estratégia, uma vez que os fatores referentes às condições necessárias ao desenvolvimento econômico e social nunca aparecem em segundo plano, além da ausência de assertividade. O que se interpreta é que as manifestações dos três políticos parecem levar em conta uma postura proativa e propositiva, e não tanto “assertiva”.

Apesar de se concordar que haja novidades ou inovações que sejam depreendidas dos textos, não são encontradas tantas evidências dos argumentos de Yan (2014). Conforme os textos mostram, um novo modelo de relacionamento com as grandes potências é uma nova tentativa de lidar com países europeus, com os russos e, principalmente, com os norte-americanos. Também se observa que ao propor esse novo modelo, a China se inclui como grande potência. No entanto, o “Chinese Dream” vem sempre a reforçar qual é a agenda final dos chineses ao lidar com o mundo: o sonho do rejuvenescimento nacional, e não a eventual competição global. Adicionalmente, esse conceito também anexa os interesses da nação à tarefa central do desenvolvimento. Portanto, os três textos também não são representativos quanto a um câmbio de interesses, colocando-nos de acordo com Qin (2014). A fonte da discordância entre essas visões surge com diferentes interpretações do que se trata rejuvenescer da nação.

Além disso, todos esses textos sugeridos por Yan (2014) foram originalmente elaborados para serem reproduzidos domesticamente. Mesmo reconhecendo-se que o conteúdo deles possa ser esclarecedor e que tenham sido elaborados por três dos mais importantes líderes do Partido Comunista da China em política externa, acredita-se que as ocasiões dos pronunciamentos devessem ser mais variadas. Os três textos em suas origens não possuíam tantas diferenças quanto ao público a que estavam sendo direcionados, portanto os seus processos de produção podem não ter variado em grande medida. Por outro lado, seus discursos podem impactar consideravelmente a formulação da política externa, devido ao seu endereçamento ao público interno, em especial o texto de Xi Jinping.

Assim como Qin (2014), observamos um posicionamento menos flexível quando o assunto tocava questões de soberania e segurança, dois elementos do núcleo de interesses da China. Entende-se que a temática do desenvolvimento, o terceiro desses interesses, por ser uma questão que se estende praticamente por todo o texto nos três casos, impossibilita que se veja afirmações pontuais e firmes, apesar de os narradores mostrarem posturas propositivas nesse âmbito.

Por fim, percebe-se que possuir o conteúdo básico e decorrente do “Chinese Dream” nos permitiu evidenciar linhas de raciocínio e a atribuir mais relevância ao termo enquanto fenômeno linguístico quando manifestado. Além de ter aparecido em todos os textos mais de uma vez, foi relevante para determinar qual a meta final a ser alcançada, exaltar as condições internacionais necessárias para o seu sucesso (ambiente externo estável e pacífico a ser iniciado nas suas redondezas, passando por um novo modelo de relacionamento entre grandes potências) e ainda criou um debate ao relacionar o sonho de cada país em desenvolvimento com o seu próprio sonho. Sendo assim, credita-se ao “Chinese Dream” um esforço de comunicar ao mundo uma China comprometida com a paz e com alcançar metas internas.

6 CONCLUSÃO

Comprova-se a hipótese de que o “Chinese Dream” impacta a política externa da China. Utilizando-se de uma abordagem construtivista, observa-se a formação da identidade nacional considerando esse conceito, que surge no âmago da sociedade chinesa, e percebe-se suas influências na estratégia de política externa de Xi Jinping a partir de discursos escolhidos. Quanto aos textos, inicialmente, averigua-se que o termo foi mencionado em todos os analisados no capítulo 5. Além disso, compreende-se que o “Chinese Dream” destacou e trouxe para o debate um objetivo manifesto de longa data do Partido Comunista da China: o grande rejuvenescimento da nação. Ao tornar o sonho de rejuvenescimento um termo, Xi Jinping gerou uma grande corrida para a busca da sua compreensão e propagou os objetivos de maneira mais organizada e com maior alcance, algo visível pela sua exposição nas ruas das cidades chinesas, pesquisas acadêmicas, manifestações em discursos políticos e interpretações de pesquisadores estrangeiros. Há também o estabelecimento de metas parciais atualizadas (Dois Objetivos Centenários, principalmente o primeiro) e uma diretriz ao corpo diplomático chinês que vincula todas as suas ações ao objetivo maior.

O Partido Comunista da China parece ter ciência de que enfrenta novos desafios internos para os próximos anos. A concepção do “Chinese Dream” coincide com essa visão em um ambiente de crescimento econômico em desaceleração, após tirar milhares de pessoas da pobreza através do desenvolvimento. Na propaganda interna, há o enaltecimento da unidade nacional, do espírito chinês, de um longo caminho a ser percorrido e da conclusão de que apenas o Partido pode conduzir o país aos objetivos que o povo espera alcançar, como tem sido ao longo dos últimos 60 anos. Nos textos de política externa, encontra-se principalmente a referência à necessidade de se criar e contribuir para um cenário internacional estável. Consequentemente, não parece pertinente acreditar que a China se posicione no sistema internacional de modo a competir pela hegemonia, mas sim primordialmente pelo intuito de conformar o sistema para criar um ambiente mais favorável para realização de objetivos domésticos. Abordando outros fatores (envelhecimento populacional) e em contexto anterior à liderança de Xi Jinping, mas chegando a esta mesma conclusão, Kissinger (2011, p. 525, traduzido pelo autor) também percebe que “Um país lidando com tarefas domésticas como tais não irá se lançar facilmente, muito menos automaticamente, em confrontação estratégica ou em uma busca pela dominação global”.

A afirmação de Yan (2014) de que o rejuvenescimento nacional se refere aos esforços da China em alcançar os Estados Unidos em termos de poder nacional também carece de fontes. Apesar da consideração sobre o possível acesso desse acadêmico aos altos postos dos tomadores de decisão de política externa e de que esse pensamento pode não ser expresso em pronunciamentos, documentos oficiais e em outros meios, entende-se que os discursos analisados e outros publicados não dão margem para essa conclusão. Para que outro pesquisador faça a mesma constatação em trabalhos científicos, faz-se necessário saber qual é a fonte dessa informação.

Nessa pesquisa, não se nega que a China não competirá pelo poder juntamente com os Estados Unidos até o momento de seu rejuvenescimento, porém não se encontra sustentação de que isso venha a ocorrer de maneira organizada no governo de Xi Jinping. O Segundo Objetivo Centenário pode abrir margem para que a competição pela hegemonia global seja depreendida, porém, como afirmado anteriormente, referências a isso não são encontradas até o momento. Acreditamos que haverá maiores esclarecimentos sobre futuras metas para se realizar o “Chinese Dream” conforme a sucessão das lideranças ocorrer, uma vez que se entende o Segundo Objetivo como uma agenda concreta, mas ainda não como uma meta concreta. Por enquanto, vê-se a utilização do “Chinese Dream” nos textos como a comprovação de uma mensagem ao mundo de que a China se manterá primordialmente focada no objetivo do desenvolvimento econômico, sendo que os seus demais interesses devem servir a esse, inclusive sem abandonar estratégias e políticas históricas.

Nesse sentido, chama-se a atenção para os cuidados que se deve tomar ao afirmar que a política externa de Xi Jinping tenha se tornado mais assertiva. Conforme atenta Johnson citado por Qin (2014), essa visão subestima atitudes assertivas do passado e supervaloriza as atuais. Erros de cálculo podem elevar o acirramento da China com outros países, principalmente de seus vizinhos e dos Estados Unidos, podendo inclusive levar os chineses a perceberem o ambiente como hostil e optarem por estratégias mais conflitivas. Indo ao encontro dessa visão, questiona-se o quão apropriado é apontar o termo “Striving for Achievement” como simbólico de uma nova estratégia de política externa da China no governo de Xi Jinping, concordando-se mais com Qin (2014), que interpreta o atual momento como uma continuidade através de mudanças. Ainda, corroborando com esse entendimento, verifica-se que a utilização do “Chinese Dream” nos discursos de política externa não expõe uma postura de assertividade: o que se entende é que contribui para demonstrar uma China mais propositiva e proativa, já que desse conceito se extrai o objetivo nacional, os meios para

alcançá-lo e a ideia de que não é possível se desenvolver sem um ambiente externo favorável, gerando um esforço de comunicar que a China ajudará ao propor alternativas e buscará encontrar pontos de interesse em comum para cooperar com outros Estados. Ou seja, embora a hipótese da influência desse termo na política externa se confirme, o “Chinese Dream” não atribui mais assertividade para o discurso.

Por fim, também é sugerida a análise de novos textos para uma futura pesquisa. Embora os que aqui foram considerados tenham um bom conteúdo, não variavam tanto quanto ao público. Sendo assim, observar como a estratégia de política externa da China é manifestada para um público externo, além de procurar analisar ao que o “Chinese Dream” é vinculado nesses contextos, mostra-se uma pesquisa complementar a este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEASLEY, Ryan et al (Ed.). **Foreign Policy in Comparative Perspective: Domestic and International Influences on State Behavior**. 2. ed. California: Cq Press, 2013. 366 p.

BUZAN, Barry. China in International Society: Is 'Peaceful Rise' Possible?. **The Chinese Journal Of International Politics**,[s.l.], v. 3, p.5-36, 2010.

CHINA. STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE; PARTY LITERATURE RESEARCH OFFICE; CHINA INTERNATIONAL PUBLISHING GROUP. (Comp.). **Xi Jinping: The Governance of China**. Pequim: Foreign Language Press, 2014a. 515 p. Tradução de Translators Association of China.

_____. CHINA INTERNET INFORMATION CENTER. . **About the Book**. 2014b. Disponível em: <http://www.china.org.cn/china/2014-10/23/content_33849816.htm>. Acesso em: 10 nov. 2015.

DAN, Zhang et al. **The Chinese Dream in Historical Perspective**. 2013. Disponível em: <<http://english.cntv.cn/special/newleadership/chinesedream02.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

DENTON, Kirk. **China Dreams and the “Road to Revival”**. 2014. Disponível em: <<http://origins.osu.edu/article/china-dreams-and-road-revival>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 2. ed. [s.l]: Longman, 2001. 224 p.

FINNEMORE, Martha; SIKKINK, Kathryn. Taking Stock: The Constructivist Research Program In International Relations and Comparative Politics. **Annual Review Of Political Science**, Georgetown, v. 4, p. 391-417, 2001.

GOLDKORN, Jeremy; KAPP, Robert; RINGEN, Stein. **What Is the “Chinese Dream” Really All About?** 2013. Disponível em: <<http://www.chinafile.com/conversation/what-chinese-dream-really-all-about>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

JIANG, Zemin. **Full Text of Jiang Zemin's Report at 16th Party Congress (1)**. 2002. Disponível em: <http://en.people.cn/200211/18/eng20021118_106983.shtml>. Acesso em: 26 set. 2015.

KISSINGER, Henry. **On China**. Nova Iorque: The Penguin Press, 2011. 586 p.

LEE, Joyce. **Expressing the Chinese Dream**. 2014. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2014/03/expressing-the-chinese-dream/>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

LU, Ding. **China's "Two Centenary Goals": Progress and Challenges**. [s.l.], 2015. 3 p. Disponível em: <<http://www.eai.nus.edu.sg/assets/pdf/BB1072.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

NYE, Joseph. Interview: Joseph Nye. **The Diplomat**, [s.l.], 10 jun. 2015. Entrevista concedida a Samuel Ramani. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2015/06/interview-joseph-nye/>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

PATTBERG, Thorsten. **Global Language: The Chinese Dream, no wait, Meng!**. [s.d.]. Disponível em: <<http://bigthink.com/dragons-and-pandas/global-language-the-chinese-dream-no-wait-meng>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

QIUSHI JOURNAL (China). Comitê Central do Partido Comunista da China. **About Qiushi Journal**. 2014. Disponível em: <<http://english.qstheory.cn/aboutqs.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

REN XIAOSI (China). **The Chinese Dream: What It Means for China and the Rest of the World**. Pequim: New World Press, 2014. 205 p.

SCHRAM, Stuart. **The Thought of Mao Tse-Tung**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SHU, Silvana Shioh Shyan. **A Inserção Internacional da China no Pós-Guerra Fria**. 2005. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Puc/sp, São Paulo, 2005.

SØRENSEN, Camilla. The Significance of Xi Jinping's "Chinese Dream" for Chinese Foreign Policy: From "Tao Guang Yang Hui" to "Fen Fa You Wei". **Jcir**, [s.l.], v. 3, p.53-73, 2015.

THOMAS, Neil. **Rhetoric and Reality: Xi Jinping's Australia Policy**. 2015. Disponível em: <<http://www.thechinastory.org/2015/03/rhetoric-and-reality-xi-jinpings-australia-policy/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

TSAI, Chung-min. **The Chinese Dream: a Vision for China's Future or a Decade-Long Fantasy?** [s.d.]. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/Chung-min_Tsai.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2015.

WAN, Ming. **Xi Jinping's "China Dream": Same Bed, Different Dreams?**. 2013. Disponível em: <<http://www.theasanforum.org/xi-jinpings-china-dream-same-bed-different-dreams/>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

WANG, Yi. **Exploring the Path of Major-Country Diplomacy With Chinese Characteristics**. 2013. Disponível em: <http://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/wjbz_663308/2461_663310/t1053908.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2015.

WENDT, Alexander. Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics. **International Organization**, Massachusetts, v. 46, p.391-425, 1992.

WENTZEL, Marina. **Hu Jintao admite que não atendeu a expectativas**. 2007. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/10/071015_chinajintao_is.shtml>. Acesso em: 01 set. 2015.

YAN, Xuotong. Yan Xuotong on Chinese Realism, the Tsinghua School of International Relations, and the Impossibility of Harmony. **Theory Talks** [28 nov. 2012] <<http://www.theory-talks.org/2012/11/theory-talk-51.html>>

_____. From Keeping a Low Profile to Striving for Achievement. **The Chinese Journal Of International Politics**. Pequim, p. 153-184. 22 abr. 2014.

YANG, Jiechi. **Innovations in China' s Diplomatic Theory and Practice Under New Conditions**. 2013. Disponível em: <http://english.qsttheory.cn/magazine/201401/201401/t20140121_315115.htm>. Acesso em: 14 nov. 2015.

YANG, Fan. The "Chinese Dream" in Contemporary Media Culture. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE AMERICAN ASSOCIATION FOR CHINESE STUDIES, 56., 2014, Washington, D.C.. **Paper (Work-in-Progress) Submission**. Washington, D.C. 2014. p. 1 - 13.

XI, Jinping. The White House (Ed.). **Remarks by President Obama and President Xi Jinping of the People's Republic of China After Bilateral Meeting**. 2013. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2013/06/08/remarks-president-obama-and-president-xi-jinping-peoples-republic-china->>. Acesso em: 10 ago. 2015.

XI'S 'FOUR COMPREHENSIVES' LIKELY TO BE HIS PARTY LEGACY. China, 25 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.wantchinatimes.com/news-subclass-cnt.aspx?id=20150225000071&cid=1101>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

XINHUA NEWS (China). **Xi pledges "great renewal of Chinese nation"**. 2012. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/china/2012-11/29/c_132008231.htm>. Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. **China Headlines: Xi expounds on guideline for 13th Five-year Plan**. 2015. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/2015-11/03/c_134780297.htm>. Acesso em: 10 nov. 2015.

XINHUA NEWS (China) (Ed.). **Full Text of Hu Jintao's Speech at BFA Annual Conference 2004**. 2004. Disponível em: <<http://www.china.org.cn/english/features/93897.htm>>. Acesso em: 30 out. 2015.

_____. **Full text of Constitution of Communist Party of China (2)**. 2013. Disponível em: <<http://english.cpc.people.com.cn/206972/206981/8188087.html>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

ZHAO, Qizheng. **How China Communicates: Public Diplomacy in a Global Age**. Pequim: Foreign Language Press, 2012. 242 p.